



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

**JOÃO LUCAS FERREIRA DOS SANTOS
YASMIN FREITAS OLIVEIRA**

O OUTRO LADO DO ARCO-ÍRIS

GOIÂNIA

2022



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

O OUTRO LADO DO ARCO-ÍRIS

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito, Negócios e Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

GOIÂNIA

2022

JOÃO LUCAS FERREIRA DOS SANTOS

YASMIN FREITAS

O OUTRO LADO DO ARCO-ÍRIS

Produto Filme Documentário apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Direito, Negócios e Comunicação, sob orientação da Professora Doutora Eliani de Fátima Covem Queiroz.

Data de defesa: 07 de dezembro de 2022

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

Professora Sabrina Moreira de Moraes Oliveira

Professora Déborah Rodrigues Borges

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que ele existisse. A todos que cruzaram meu caminho, e que deixaram um pedacinho de si comigo, seja com um simples olhar ou uma história comovente. A todos que me inspiraram com sua força e potência. Este trabalho fala diretamente com o meu ser, o meu eu mais íntimo, escancara a dor e a beleza de ser quem somos, e a trajetória de pessoas como eu. Que ele possa atingir toda e qualquer pessoa que precise de amparo, de um sopro de esperança, de acolhimento e de amor. Porque juntos somos mais fortes.

Yasmin Freitas Oliveira

Antemão, quero dedicar este trabalho a todas as pessoas que se sintam incluídas no tema. A força que me inspirou para que eu chegasse à conclusão da temática abordada é a extrema importância que vejo perante a sociedade que precisa e muito evoluir em questões tão simples. A todos que deixaram um pedaço da sua história de superação e dor à mercê da comunidade. E aos meus pais João Batista e Maria Marcelino que muitas das vezes abdicaram deles próprios para me favorecer. A todos os meus amigos, em especial minha melhor amiga, Lana Moura, que sempre me amparou em momentos de necessidade. E as pessoas essenciais no meu percurso de forma geral.

João Lucas Ferreira dos Santos

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer aos meus pais, José Reinaldo de Oliveira Júnior e Alessandra de Oliveira, por sempre terem feito o impossível para que eu conquistasse tudo que sempre sonhei, com a melhor infraestrutura e apoio possível. Sem eles, sem o amor deles e a constante motivação, eu não estaria aqui. Serei eternamente grata por tudo que sempre fizeram por mim. Minha namorada, Geovana Bontempo, foi minha fortaleza durante os anos de graduação, sempre me apoiando em tudo. Ela também é uma das grandes responsáveis pela escolha do tema. Obrigada por ter me ensinado tanto, obrigada por ter aberto os meus olhos para coisas que antes eu não via. Quero agradecer também ao meu irmão, João Pedro, e aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado e que me apresentaram o mundo como eu o conheço hoje. Um agradecimento em especial aos meus padrinhos, Isabella Caetano, Bruna Beatriz e Bruno de Melo pelo apoio e incentivo durante todo esse tempo. E claro, não poderia deixar de fora minha gata, Irene Pompom, minha companheira fiel durante todo o trabalho. Agradeço também a todos os professores que contribuíram para a minha formação, em especial a professora Dr^a Eliani Covem, que foi tão dedicada e paciente durante toda a orientação. Sempre muito atenciosa, dando ótimos conselhos e ideias que contribuíram enormemente para o trabalho. E por fim, agradeço a todos os entrevistados, que se dispuseram a compartilhar suas dores mais íntimas, confiando em mim para transformá-las em algo lindo e cheio de significado.

Yasmin Freitas Oliveira

Para o evoluir deste trabalho, estive amparado pelos meus pais. A eles eu agradeço por estarem comigo e me darem todo o suporte necessário nesse período laborioso, e em toda minha jornada de vida e acadêmica. Também entrego a minha gratidão aos que participaram na elaboração desta tarefa, em especial a Yasmin Freitas, e aos que colaboraram discursivamente na construção de *O outro lado do arco-íris*. Não poderia deixar de reconhecer a participação dos meus professores na minha trajetória, fornecendo conhecimento necessário para minha formação pessoal, profissional e intelectual. Em especial, agradeço a minha orientadora nesse trabalho de conclusão de curso de Jornalismo, Professora Doutora Eliani Covem, por me apoiar, com toda sua paciência, estimulando e permitindo que pudesse alcançar os meus objetivos.

João Lucas Ferreira dos Santos

Quando falamos temos medo de que as nossas palavras não vão ser ouvidas ou bem-vindas. Mas quando estamos em silêncio, ainda temos medo. Por isso é melhor falar.

Audre Lorde

RESUMO

O documentário *O outro Lado do Arco-íris* aborda as vivências e experiências dos entrevistados com a homofobia por meio de seus relatos. No filme, os depoimentos são colocados em face das fatigantes questões vividas pelas pessoas homoafetivas. A falta de políticas públicas e a dificuldade em se manter em uma sociedade preconceituosa orientam a entrevista de pessoas que já sofreram ou que lutam para uma sociedade menos homofóbica. O documentário busca mostrar o outro lado do grupo LGBTQIA+, e por meio de reflexão, diminuir o preconceito e toda sua conjuntura.

PALAVRAS-CHAVES: Homofobia, homofóbica, preconceito, homoafetivos, grupo LGBTQIA+.

ABSTRACT: The documentary *The Other Side of the Rainbow* addresses the experiences of the interviewees with homophobia through their reports. In the film, the testimonies are placed in the face of the stressful issues experienced by homoaffective people. The lack of public policies and the difficulty in maintaining a prejudiced society guide the interview of people who have already suffered or who fight for a less homophobic society. The documentary seeks to show the other side of the LGBTQIA+ group, and through reflection, reduce prejudice and its entire situation.

KEYWORDS: Homophobia, homophobic, prejudice, homoaffective, LGBTQIA+ group.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	09
CAPÍTULO I.	12
REFERENCIAL TEÓRICO.	12
1. Documentário.	12
1.1 Documentário conceitos e teorias.	12
1.2 Técnica de produção do documentário.	14
1.3 História do filme documentário no Brasil	18
2. A história LGBTQIA+ no mundo.	23
2.1 O movimento LGBTQIA+ no Brasil	28
2.2 LGBTQIA+ no Estado de Goiás.	33
2.3 Vidas em narrativa.	34
3. CAPÍTULO II.	37
MEMORIAL.	37
João Lucas Ferreira Dos Santos.	37
Yasmin Freitas.	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	40
REFERÊNCIAS.	41
APÊNDICES - APÊNDICE I ROTEIRO.	44
APÊNDICE II AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.	54
APÊNDICE III AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO.	59

INTRODUÇÃO

O filme documentário produto deste trabalho, *O outro lado do arco-íris*, utiliza como mecanismo de engrandecimento o depoimento de pessoas que fazem parte do designado grupo Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais etc (LGBTQIA+), que já vivenciaram fatos de homofobia durante sua trajetória. Assim, as vivências relatadas desempenham a função de trazer o objeto pesquisado à luz da coletividade, aquinhoado de angústias e aflições que o grupo enfrenta no convívio social e familiar.

Considerando a necessidade em disseminar os danos que a prática homofóbica causa, as declarações apresentadas no filme contaram com a contextualização de três diferentes agentes passivos, explorando a diversidade existente dentro da sigla LGBTQIA+. Os impactos familiares, a vivência escolar, o papel da religião e as diferentes barreiras enfrentadas durante a adolescência.

Esse panorama é retratado durante todo o documentário, onde Nicolly Palladino, Liz Faria e Leonardo Dutra, que fazem parte da sigla, narra seus desafios pela busca de igualdade na sociedade. Patrini Raimundo, psicóloga especializada em diversidade sexual e de gênero, esclarece sobre a importante responsabilidade que o profissional da área tem com o grupo. Álvaro Bento de Matos, pós-graduado em direito homoafetivo e de gênero, expõe durante sua narrativa no filme a precariedade e a falta de compromisso da lei brasileira com a sigla.

Ao longo do produto, os depoentes ultrapassam o conceito de crítica e assumem um papel emotivo, gerado pela lembrança exposta. No esboço desse quadro, a primordialidade do método de entrevistas permitiu a reunião de formulações discursivas e históricas atribuindo à obra o valor documental e atestando a aparente unidade enquanto realidade que o filme de não-ficção é (RODRIGUES, 2010). Por meio disso, segundo Nichols (2010), o documentário reivindica, mesmo que sobriamente, a capacidade de influenciar a maneira como o espectador enxerga e atua no mundo.

As questões pautadas em um documentário são partilhadas por uma mesma comunidade (DA-RIN, 2004), contudo assumem pontos de vista sobre a realidade, que podem gerar muitos outros sentidos (ALTAFINI, 1999). Para Nichols (2010), se essa intervenção acontece é por conta das argumentações, familiaridade com a abordagem e

estratégias persuasivas, porque o filme documental não é uma reprodução do real, porém uma representação.

A homofobia no Brasil é caracterizada por cenas cruéis e indagáveis que fazem parte da realidade nacional. Na história, o grupo minoritário já passou por grande retaliação. Em 1978 começou a surgir movimentos de contracultura a ditadura militar e a defesa da autonomia nas lutas minoritárias. A primeira mobilidade foi de um grupo marginalizado chamado *Somos*. Segundo Macrae (2018), o ideário do grupo carregava muito do espírito contestatório e antiautoritário da época, produzindo um discurso voltado para uma transformação mais ampla, compreendendo a homossexualidade como estratégica para a transformação cultural, sendo capaz de corroer uma estrutura social a partir das margens.

Em termo regional, especificadamente no Estado de Goiás, já se nota evolução nas políticas públicas e no aceitamento do grupo pela população. De forma positiva pode-se citar a Parada LGBT que acontece na capital goiana e já chegou na 24ª edição no ano de 2022.

As leituras a respeito dos conceitos, técnicas e história do documentário, propiciou um aprofundamento da execução do filme, dessa forma, sendo aplicada na produção de *O outro lado do arco-íris*, em todas suas etapas, as de captação das entrevistas, decupagem, roteirização e montagem. Nesse sentido, o resultado do produto teve grande contribuição da vasta quantidade de estudiosos e historiadores do filme documental.

A captação, por meio de entrevistas, não configurou apenas elementos constitutivos do filme. Os relatos expressados nas gravações ou em off, puderam enriquecer o caráter emotivo sobre a temática, contribuindo também para a pesquisa acerca do grupo LGBTQIA+.

No entanto, em outros aspectos, os depoimentos colhidos nas filmagens corroboraram nas particularidades encontradas nos estudos e leituras quanto ao tema. Não foram identificadas resistências por parte dos entrevistados ao exporem suas vivências ou saberes. Todos tiveram o intuito de colaborar com a produção do filme.

Sobre a metodologia utilizada na produção do filme, as entrevistas e gravações foram feitas remotamente, contando com os recursos do aplicativo de vídeo chamada Google Meet, que favoreceu a realização das gravações, pois alguns personagens não moram em Goiânia. Por outro lado, essas gravações implicaram em problemas técnicos, que comprometeram a qualidade de imagem e som do filme, mas que não tiram sua importância, pelo conteúdo dos depoimentos.

As tomadas de decisão na separação de imagens e discursos, decorreram de uma ação de desprendimento, ainda que as formulações transmitam a ideia de como o cineasta adota uma posição específica em relação àqueles retratados no filme e àqueles a quem o filme se dirige (NICHOLS, 2010). A partir da decupagem e roteirização dos alunos em conjunto, a técnica de audiovisual, Marina Oliveira, efetuou a montagem do material recolhido ao longo de toda produção fílmica de *O outro lado do arco-íris*, utilizando os programas de edição, Adobe Premiere, Adobe After Effects e Adobe Photoshop.

A produção do filme agregou conhecimento aos alunos concluintes do curso de Jornalismo, seja por intermédio da pesquisa, ou da escuta empreendida nas entrevistas. Sendo assim, o documentário *O outro lado do arco-íris* poderá fortalecer suas experiências, como também a de seus espectadores.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1. DOCUMENTÁRIO

O filme de não-ficção em suas especificidades, sejam elas próprias ou advindas das ficções, compreende um gênero multidimensional do cinema. Em asserção, o documentário deriva de uma realidade, que se amplia na dialética sujeito-objeto e se dinamiza na complexidade da realidade cotidiana (JORGE, 2010). Todavia, partir de uma realidade não significa representá-la de forma incontestável, dado que não existem marcas explícitas que garantam a presença de um real mais que perfeito, e elevado ao estatuto de verdade absoluta (RODRIGUES, 2010).

Nascido no final do século XIX, a obra cinematográfica documental é concebida mediante a relação entre documentarista e objeto retratado. Segundo Da-Rin (2004), por esse ângulo, o documentário é uma modalidade discursiva. Assim como toda articulação da linguagem tem a clara presença da subjetividade, indissociável aspecto de qualquer arte, mesmo a cinematográfica, e pelo realizador estabelecer um olhar próprio sobre determinado assunto, que um filme nunca é uma reprodução do mundo (RODRIGUES, 2010).

1.1 Documentário – conceitos e teorias

Convencionado como um gênero fílmico não ficcional e com características particulares, o documentário tem cumprido, ao longo da sua história, a função de “documentar” a vida das pessoas e os acontecimentos do mundo de diversas formas.

Teóricos do cinema buscam conceituar o cinema documentário. Segundo Nichols (2009), o cinema documental usa estratégias variadas, que mudam com o passar do tempo e, que nesse sentido, sua evolução ocorre da mesma forma que a evolução do filme ficcional, que também mudou e muda de estratégias dentro de sua história. Mas uma das grandes diferenças entre esses tipos de filmes, ficcional e documental, é que a evolução dos modos de representação, ou seja, dos recursos de linguagem, do cinema documentário ocorreu sempre pautada por princípios éticos. O que concorda Da-Rin (2004, p. 18):

O termo documentário não é depositário de uma essência que possamos atribuir a um tipo de material fílmico, a uma forma de abordagem ou a um conjunto de técnicas. Todas as inumeráveis tentativas que conhecemos de explicar o documentário a partir da absolutização de uma destas características, ou de qualquer outra tomada isoladamente, fracassaram.

É autêntico que a “absolutização” pode não ser um bom caminho, mas também não com o condicionalismo, que aparenta fuga dos problemas, que terá uma evolução no assunto. O problema essencial dessas tentativas que Da-Rin (2004) aponta como fracassadas é justamente o fato de tentarem definir o filme documentário a partir do tipo de material fílmico, ou uma forma de abordagem ou um conjunto de técnicas.

Portanto, o fracasso dessas tentativas de explicação não vem da qualidade delas enquanto esforço para um empreendimento teórico, mas sim do fato de estarem se inclinando sobre um objeto equivocados, a saber, os filmes isoladamente. O cinema documentário poderá ser entendido enquanto uma tipologia fílmica clara a partir do momento que entendermos que o seu conceito está em uma relação dos filmes com o mundo.

Quando John Grierson, na década de 1920 utilizou pela primeira vez o termo documentário, foi justamente para se referir a um tipo de cinema de caráter realista (KNIGHT, 1970, p.195). Este caráter realista implicava questões éticas relacionadas à representação do mundo, como explicado por Freire e Philippe (2010, p. 147):

O cinema documentário e a antropologia fílmica através de processos e metodologia específica, possibilitam observar e estudar de forma ordenada, rigorosa, repetida e minuciosa o Homem, os seus comportamentos, as suas atividades, as suas formas de pensar e de comunicar, as relações que estabelece com os outros e o seu meio e os contextos históricos, sociais e culturais onde está inserido, vindo alargar os procedimentos de análise e campos de pesquisa, promover diálogo interdisciplinar e intercultural e a comunicação entre o Eu e o Outro.

O documentário exige que muitas ou mesmo a totalidade das suas imagens e sons sejam obtidas nos locais onde as pessoas vivem e os fatos acontecem. É um espaço onde existe e deverá existir, a possibilidade de construção de significados a partir das imagens e dos sons do mundo que nos rodeia como menciona Penafria (1998).

Segundo Jorge (2010), toda obra audiovisual de caráter documental contém, desde o seu enunciado, a intenção de mostrar alguma realidade e que, obviamente, conjuga a ideologia do autor e alguma proposta formal para representar essa realidade. Objetividade e subjetividade são valores que se confundem imperceptivelmente na leitura de uma obra audiovisual. É imprescindível, então, que o autor busque um equilíbrio de valores proporcionais à complexidade do tema, o que nem sempre é fácil em função de suas preferências estéticas, dos critérios éticos e dos interesses em jogo.

Para Nichols (2009, p.135), cada documentário tem uma voz distinta, tem um estilo e uma natureza própria, que funciona como uma assinatura ou impressão digital.

“No cinema, as vozes individuais prestam-se a uma teoria do autor, ao passo que vozes compartilhadas, uma teoria de gênero” (NICHOLS, 2009, p. 135). O autor divide os tipos de documentário em seis modos: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Cada modo expõe uma característica estrutural em sua contextualização e produção. Esta divisão em modos “serve para perceber como podem ser utilizadas diferentes formas de construção no tratamento e narrativa de documentários, sendo que essas formas podem ser utilizadas no mesmo filme de acordo com o estilo do documentarista” (NICHOLS, 2009, p. 135).

O filme documentário *O Outro Lado do Arco-íris* foi realizado de acordo com as características dos modos expositivo e reflexivo. No modo expositivo se caracteriza por dirigir-se diretamente ao espectador, por meio de narradores expõe argumentos ou recontam a história. Sua principal preocupação está ligada diretamente à mensagem que o documentário quer transmitir, suas imagens possuem um papel secundário. (NICHOLS, 2005, p. 142).

No modo reflexivo os documentários têm como foco o relacionamento do cineasta com o espectador, neste modo vemos o documentário em sua representação trazendo à tona questões e o factual do tema em questão. Eles expõem os fatos como são e como deveriam ser. Esses filmes tentam a aumentar nossa consciência dos problemas da representação do outro, assim como tentam nos convencer da autenticidade ou da veracidade da própria representação (NICHOLS, 2005, p. 163-164).

Já no modo performático, existe um envolvimento emocional entre o espectador e o tema exposto, enfatiza suas dimensões subjetivas e afetivas, desviando dos outros modos que representam a realidade com licenças poéticas e narrativas menos convencionais (NICHOLS, 2005, p. 169- 170).

Além de se dividir em modos, o documentário deve ser estruturado para que não perca seu objetivo principal. A estrutura deve ser a espinha dorsal do documentário para que o objetivo inicial não se perca no desenrolar do enredo. (BERNARD, 2009, p. 61).

1..2 Técnica de produção do documentário

O método utilizado para a produção de um documentário sofreu diversas alterações no Brasil e no mundo. Algumas técnicas foram extintas, modificadas, e aprimoradas para serem úteis nos dias atuais. No início da produção cinematográfica dos filmes de não-ficção não havia uma cartilha que guiasse a montagem desse modelo, e foi

por isto que, por muito tempo, a tradição documentarista se apoiou no modelo de produção dos filmes de ficção, que são feitos baseando-se em roteiros prontos. Este período da produção documental, predominou nas décadas de 20 a 50, e foi nomeado de documentário clássico, como pontuou Puccini (2007).

Com o tempo, houve uma ruptura entre os dois estilos, e a produção documental passou a seguir um modelo mais livre, sem roteiros prontos descrevendo como cada cena e diálogo devem ser. Com isso, o roteiro passa a ser feito apenas na etapa de pós-produção. De acordo com Puccini (2007), agora, o documentário passa a ser resultado de inúmeras filmagens, tornando-se um trabalho de improviso e imprevisto, o que valoriza a atribuição do cinegrafista na construção do filme documentário. Swain (1996) discorre sobre a roteirização de documentários tanto como dos filmes de ficção. Segundo o autor, a produção de um filme documentário varia conforme o tema, o produtor, e é guiada por leis internas, o que leva o roteirista à obrigatoriedade de trabalhar com mais flexibilidade: “se existe uma coisa que você precisa em seu kit de sobrevivência, essa coisa é flexibilidade” (SWAIN, ano, p. 75).

A princípio, a ideia para criar um documentário pode “ter origem em desejos pessoais de investigação e divulgação de determinados assuntos presentes em nossa história e sociedade” (PUCCINI 2007, p. 76). Entretanto, na maioria das vezes, para que a produção de um filme documentário seja viabilizada é necessário um suporte financeiro. Aqui vemos a importância da escolha de um tema que o realizador tenha profunda conexão, como explicita Wainer (2010, p. 52):

A identificação do tema não é trivial para um produtor audiovisual sem experiência. Antes, é importante ressaltar a importância de uma conexão forte do realizador junto ao tema minimamente delimitado. Normalmente uma produção audiovisual de caráter documental dura meses (anos, às vezes) e exige razoável quantidade de energia em vários momentos ao longo desse tempo. Para que essa atenção se mantenha, e ainda perdure de forma entusiasmada na divulgação do programa, deve haver um compromisso sério, de verdadeiro apaixonamento do realizador pelo seu assunto.

Após o processo de escolha e aprofundamento no tema, entramos na etapa de pesquisa. Esta etapa é a base do documentário, pois é a pesquisa que garantirá segurança para iniciar as filmagens. Para Puccini (2010, p.84): “trata-se de um documento que serve apenas aos propósitos da pré-produção e não como um guia para a orientação da filmagem.”. É necessário detalhar o conteúdo do filme para que seja possível fazer um levantamento correto do que será necessário. “Dentro dos limites de seu assunto, você

deve tentar descobrir tudo aquilo que for dramático, atraente e interessante” (ROSENTHAL, 1996, p. 37).

Rosenthal (1996) lista quatro fontes de pesquisa:

1. Material impresso
2. Material de arquivo (filmes, fotos, arquivos de som)
3. Entrevistas
4. Pesquisa de campo nas locações de filmagem

Para Puccini (2010), normalmente, nesta etapa encontra-se muita burocracia e negociação, por se tratar de arquivos muitas vezes provenientes de órgãos públicos e privados, que são detentores dos acervos. Nos dias atuais, com a internet, tornou-se mais fácil e prático esse processo de busca. “No caso de acervo familiar, a dificuldade maior é convencer seus donos à exposição pública do material, negociação que envolve questões éticas e por isso requer cuidados especiais por parte do documentarista” (PUCCINI, 2010, p. 86).

Puccini (2010) afirma que, para o documentarista ou sua equipe de pesquisadores e os possíveis participantes do documentário, as pré-entrevistas são o primeiro contato, e é quando pode-se ver o projeto saindo do papel. “São úteis tanto para fornecer informações, ou mesmo aprofundar informações já coletadas, como para servir de teste para se avaliar os depoentes como possíveis personagens do filme no que tange ao comportamento de cada um diante da câmera” (PUCCINI, 2010, p. 87).

Rosenthal (1996) sugere que este primeiro contato seja feito de forma cautelosa, para evitar posteriores resistências ou constrangimentos. Para evitar estas situações, a estratégia é utilizar apenas anotações à mão ou gravador de áudio, caso o entrevistado permita. Para o autor, é preferível um cara-a-cara com o entrevistado, isto é, ele mesmo fazer a pré-entrevista, para que por menor que seja, um vínculo se estabeleça entre o documentarista e o entrevistado. Antagônico à Rosenthal (1996), Eduardo Coutinho prefere deixar essa etapa da pré-entrevista para sua equipe de pesquisadores, com a intenção de se explorar apenas durante as filmagens, o registro de um primeiro encontro (PUCCINI, 2010).

Esquematizar e fazer um estudo cauteloso das locações é extremamente útil, pois ajuda a prevenir imprevistos ou problemas técnicos no dia das filmagens. Verificar a iluminação do local e a captação de som entram nessa etapa. Para Puccini (2010), no que se relaciona à fotografia, é sugerido analisar atentamente a iluminação dos locais de

filmagem, o recaimento de luz natural e, caso necessite de luz artificial, verificar se existem fontes de energia no local. As condições de som ambiente também podem criar empecilhos para a captação do som de entrevistas caso o local esteja próximo de fontes de ruído, como fábricas e aeroportos.

Visitas antecipadas às locações de filmagem servem também para definir equipamentos necessários para cada locação, tamanho da equipe técnica mais adequado à cada situação, prevenção quanto a possíveis dificuldades de acesso - obstáculos naturais, resistência de comunidades locais, risco à integridade física da equipe, etc. “Uma maior familiaridade com os cenários de filmagem auxilia também na elaboração dos enquadramentos e trabalho de câmera, possibilitando uma prévia roteirização de filmagem, procedimento que ajuda a dinamizar o trabalho da equipe em locação.”. (PUCCINI, 2010, p. 88). Para o autor, estas quatro etapas resumem bem o trabalho de produção:

Seguindo estas quatro etapas, o documentarista deverá ler tudo aquilo que for possível, dentro dos limites de tempo disponíveis para a produção, referente ao assunto escolhido; fazer um exaustivo levantamento de material de arquivo, entre fotos, filmes e arquivos sonoros, buscando garantir permissão para uso no filme; fazer pré-entrevistas com todas as pessoas que possam estar envolvidas com o tema; além de visitar os locais de filmagem para se familiarizar com o espaço físico e com as pessoas que os habitam (PUCCINI, 2010, p. 85).

Após este vasto período de preparação e pesquisas, inicia-se o processo de filmagem, que se constitui de captação de imagens, entrevistas, que poderíamos dizer que estão para o documentário assim como a encenação está para o filme de ficção (PUCCINI, 2007), e exposição de personagens. Este último, ocorrerá por meio de depoimentos sobre a história contada, quando o relato trouxer embutido a referência a outros personagens. Nessa direção, de acordo com Puccini (2007, p. 94) “esses personagens podem assumir formas diversas, não necessariamente se limitarem a personagens sociais, mas se estenderem a entidades abstratas, forças da natureza, espécies biológicas ou de animais como no caso dos documentários naturais”.

A elaboração do filme posterior ao período de contato com os personagens, não segue, necessariamente, uma linha cronológica, pois quanto ao trabalho de roteirização, segundo Puccini (2007), muitos documentários são definidos em sua fase de pós-produção. Ao mencionar essa característica, o autor faz referência à produção de estilo direto. Em O outro lado do arco-íris, foi seguida a tendência mencionada pelo autor, de roteirizar o filme após a etapa de filmagens. A exemplo do documentário mencionado, os

roteiros desenvolvidos na pós-produção, normalmente, exercem a função de orientar a montagem, a edição, expõe o autor. Porém, anteriormente a esse processo, o documentarista determina de que modo as entrevistas serão reaproveitadas, ou seja, um enxugamento das partes menos essenciais ao filme (PUCCINI, 2007). Conhecido como decupagem, esse procedimento foi explicado por Puccini (2007, p. 189):

Em documentários que se utilizam de entrevistas como recurso para a condução do tema, a transcrição destas no papel é método sempre aconselhável. Essa transcrição pode ser feita de maneira detalhada, palavra por palavra, ou se contentar com a anotação de tópicos que resumam o assunto de cada parte da entrevista.

O conteúdo produzido ao longo das gravações, transcrito e decupado, forma um roteiro técnico, organizando a ordem na qual o material se apresentará no produto definitivo, como esclarece Puccini (2007, p. 175): “a ordenação das sequências, define o texto do filme dando forma final ao seu discurso”.

Ainda que o texto descritivo das cenas sugira os cortes a serem feitos, o autor comenta que, a montagem como função chave para o sucesso do filme eleva o montador a coautor do documentário. Nesse sentido, o filme *O outro lado do arco-íris*, teve a montagem técnica feita pela editora Marina Oliveira, seguindo o roteiro que serviu de guia para este trabalho. Ainda na ilha de edição, em seguida a junção das cenas, ocorre uma última etapa, a finalização. Consoante a Rocha (2012), para que o filme seja efetivado em uma estrutura a ser disponibilizada ao público, ao assistir o resultado do primeiro corte surge a necessidade de fazer pequenos ajustes, entre eles a inserção de caracteres, transições, tratamento de imagens e sons, trilhas sonoras e créditos, ponto no qual o documentário se encerra.

1.3 A história do filme documentário no Brasil

O cinema chega ao Brasil em 1896. A cidade do Rio de Janeiro, seguida por São Paulo, foram as pioneiras em ter salas de exibição de filmes no país. A Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, foi a primeira imagem fílmica registrada do cinema brasileiro, à bordo do navio “Bréssel” que voltava de Paris, Afonso Segreto trazia equipamentos cinematográficos e fez as imagens. Esses registros não-ficcionais, e em movimento, eram conhecidos como tomadas de vista e prevaleceram até o ano de 1908. (GONÇALVES, 2006).

Pascoal Segreto, irmão de Afonso, foi o principal dono da primeira sala fixa de exibição cinematográfica no Brasil, na cidade carioca. A exibição de imagens em movimento fazia muito sucesso. Os irmãos Segreto, foram duas figuras importantes para o início de uma nova era nas artes brasileiras, que já eram integradas pelos espetáculos teatrais e por cafés-concertos. Segundo o autor, assim como os dois italianos, a maioria dos realizadores das tomadas eram estrangeiros, sobretudo europeus, geralmente fotógrafos que se convertiam em cineastas.

O cinema natural, assim chama o autor, era predominante na produção brasileira até os anos 1920, por “falta de infraestruturas nas cidades” ou pela excepcionalidade do gênero, com produções de documentários e cinejornais.

Antropólogos logo começaram a viajar pelo país, a fim de capturar registros e documentar populações indígenas, utilizando câmeras cinematográficas. Os filmes etnográficos eram utilizados para divulgar o Brasil urbano, ações oficiais de inserção do índio selvagem, e de um país imenso e de territórios ainda desconhecidos. Ressalta nesse contexto, uma comissão que percorria do Mato Grosso ao Amazonas, conhecida como comissão Rondon, que realizou vários filmes com registros de suas expedições. Um dos nomes importantes dessa expedição é do Major Luiz Thomaz Reis, que era quem na maioria das vezes operava a câmera, revelava e montava os filmes. Dessas viagens surgiu uma das primeiras experiências de sucesso do cinema brasileiro, o filme *Rituais e festas Bororo*, de 1917. (GONÇALVES, 2006)

Os filmes da época, assim como a produção de Reis, eram financiados pelo Estado, por empresários e coronéis fazendeiros, estavam sob a orientação da classe detentora do poder político e econômico, logo, direcionados de alguma forma para promoção da elite aqui e no exterior, a fim de mostrar um Brasil de beleza natural e exótica. Visto que no Brasil a preferência por filmes internacionais ascendia. Essa condição é exemplificada por Rodrigues (2010, p. 65):

Na década de 20, ocorreu a primeira grave crise da produção nacional. As estatísticas relativas aos filmes exibidos nas salas brasileiras constatavam uma porcentagem tão ínfima do produto nacional que esta era negligenciada. Não é nenhuma surpresa que, desde essa época, pouca coisa mudou: os filmes norte-americanos dominavam a cena com cerca de 80% da exibição em território nacional. A pequena fatia restante ficava para os filmes europeus.

Os filmes brasileiros se entrelaçavam com produções internacionais, criando um perfil mudo para a geração fílmica do País. De acordo com Gonçalves (2006), um exemplo disso foi o clássico longa-metragem *São Paulo, a Sinfonia da Metrópole*, dos

diretores Rudolf Rex Lustig e Adalberto Kemeny, que retratava a crescente urbanização da cidade, e que, nitidamente, foi inspirado pelo filme *Berlim, Sinfonia de uma Metrópole*, de Walther Ruttmann.

Em 1936, o governo federal criou o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), que tinha como papel fundamental, regular o conteúdo cinematográfico produzido em solo brasileiro, ou seja, “o Instituto pretendia mostrar uma imagem positivista do Brasil” (GONÇALVES, 2006, p. 81). Nas próximas três décadas a direção do INCE ficou a cargo do cineasta Humberto Mauro, que além dos 354 filmes realizados, com caráter educativo e de natureza didática, tornou o Instituto em um centro de produção de curtas e médias-metragens. “Aos realizadores e críticos brasileiros que surgiram a partir dos anos de 1950, Mauro deixou sua herança: a preocupação de filmar o país sem modelos pré-estabelecidos, fazendo da câmera o único e verdadeiro instrumento” (Rodrigues, 2010, p. 66).

O INCE não foi o único órgão federal a praticar o controle das imagens feitas no Brasil, explica Rodrigues, (2010, p. 66):

O DIP também usou o cinema para controle da população, mas com uma propaganda ainda mais direta do regime. Na segunda fase, com o fim do Estado Novo, essa ambição transformadora cedeu lugar a filmes que buscavam o resgate de um Brasil rural, melódico.

O Departamento de Imprensa e Propaganda tinha uma visão totalmente governamental. Os produtos fílmicos brasileiros vieram a mudar somente por volta da década de 1960, com a chegada do cinema novo. Advento impulsionado pelo sueco Arne Sucksdorff, que veio ao Brasil apresentar um seminário de cinema, e conduziu conhecimentos advindos do primeiro mundo. Segundo Rodrigues (2010), a partir disso, os cineastas brasileiros daquele período puderam experimentar e conhecer a câmera 35mm, gravador Nagra e mesa de montagem, parafernália portátil preciosa até então inexistente por aqui.

O cinema moderno dá espaço a uma temática que reflete sobre o subdesenvolvimento do Brasil e a desigualdade social. “A conjuntura política do Brasil no período motiva a realização de inúmeros filmes, que voltam o olhar para o interior do país, na busca da valorização das questões regionais” (GONÇALVES, 2006, p. 82). Ainda inspirado pelo cinema estrangeiro, o documentário brasileiro passou a buscar sua própria compatibilidade.

O moderno documentário brasileiro nasceu principalmente dentro das universidades, o movimento estudantil através da UNE e do CPC (Centro popular de

cultura) que eram entidades vinculadas, promovia projetos de engrandecimento de cultura por meio de diversos meios de comunicação (ALTAFINI, 2022). Sem aprovação do governo, que era de tendência opressiva, que por fim, interferiu censurando uma variedade de filmes, como cita Gonçalves, 2006, p. 84:

Eduardo Coutinho inicia, em 1964, as filmagens de *Cabra Marcado para Morrer*, filme interrompido pelo governo militar, que só seria concluído 20 anos depois, tornando-se um marco do documentarismo brasileiro. Em 1966, João Batista de Andrade realiza *Liberdade de Imprensa*, filme apreendido pelo Exército em 1968, após duas exibições.

Diversos diretores foram perseguidos pelo regime ditatorial e tiveram seus filmes censurados. Esse cenário comprometeu o desenvolvimento do cinema nos anos seguintes, embora os documentaristas insistissem na resistência ao autoritarismo. Passando por longo período de estagnação, no final dos anos 1980 e começo dos anos 1990, o filme documentário estava em declínio. Eduardo Coutinho, considerado o maior documentarista brasileiro, persistia na produção de filmes documentários. Foi quando voltou ao longa-metragem, trabalhando já em vídeo digital (Gonçalves, 2006).

Segundo o autor, o filme documentário então ganha impulso em meio ao avanço tecnológico, advento que impulsionou uma grande produção independente, a princípio, por conta do barateamento do processo de produção dos filmes com o uso das câmeras digitais e, especialmente, da montagem em equipamento não-linear. Nesse panorama, o autor destaca três documentários importantes produzidos no final da década de 1990. Nós que aqui estamos por vós esperamos, de Marcelo Masagão, com quase 59 mil espectadores; Santo Forte, de Eduardo Coutinho, se aproximando de 19 mil; e Notícias de uma Guerra Particular, de João Moreira Salles, sendo exibido em vários festivais e em TV a cabo.

No filme-documentário Nós que aqui estamos por vós esperamos, Marcelo Masagão demonstra os aspectos do documentário contemporâneo brasileiro, como cita Rubens Ewald Filho (SITE UOL, 2022):

Utilizando em 95% do filme colagem de material de domínio público, em geral cinejornais e alguns filmes de ficção, em criativa edição, para resumir diversas ideias a partir da cena final que mostra um cemitério do interior de SP, que traz a mensagem que lhe dá título. Não há locução, nem depoimentos orais, mas sim muito texto.

Enquanto isso Coutinho recorria a entrevistas, tendência que o jornalismo televisivo ancorava como parâmetro. Iniciando assim o vínculo documentário-televisão, que tende enquadrar as produções documentais em padrões midiáticos, forçando o aparelhamento com os moldes da mídia, no entanto, por outros caminhos, “se tornou uma

das formas mais potentes de reconhecimento e legitimação, onde basta aparecer para existir” (LINS; MESQUITA, 2008, p 6). Na década de 1990 surgiu o DOCTV, um programa de fomento à produção e teledifusão do documentário brasileiro, numa parceria entre a Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura de São Paulo e a Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (ABEPEC), com o apoio da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD) (GONÇALVES, 2006).

O autor destaca que esse programa estimulou uma maior divulgação dos documentários, dando visibilidade às produções fora do eixo Rio-São Paulo. Ainda que a iniciativa tenha proporcionado um ganho sem precedentes para o gênero, a necessidade desse fomento expõe a invisibilidade dos filmes.

O documentário se mostra, a partir de então, o espaço ideal para demonstrar a vitalidade, como em *O Prisioneiro da Grade de Ferro* (2004), de Paulo Sacramento, filme que relata a vida dos detentos do presídio Carandiru, com trechos filmados pelos próprios detentos e *Ônibus 174*, de José Padilha (2004), filme que se utiliza de imagens de arquivo para analisar o sequestro de um ônibus ocorrido no Rio de Janeiro, “evento que foi marcado pela onipresença da mídia e ação desastrosa da polícia” (GONÇALVES, 2006, p. 88).

A expansão de temáticas faz da construção documental uma exploração de novas ideias e comprova que o filme documentário acompanha a evolução cinematográfica e tecnológica. Em 2020, o cinema brasileiro foi consagrado ao ter o documentário *Democracia em Vertigem* (2019), de Petra Costa, indicado ao Oscar. O filme narra acontecimentos importantes da democracia brasileira. A abordagem de Petra evidencia que o documentário funciona como aparato para discursos e análises sociais. *Democracia em Vertigem* não levou o Oscar, mas ficou entre os cinco melhores filmes documentários de 2020, pelos olhos da academia americana, dando destaque para a produção documental brasileira (SITE PODER 360, 2020).

Na segunda metade de 2020, a plataforma de streaming Globoplay lançou o filme documentário *Cercados*, dirigido por Caio Cavechini, sobre a pandemia da Covid-2019. O filme acompanha o trabalho da imprensa na luta contra as fake news e o negacionismo durante o surto vivenciado pelo mundo. O documentário foi gravado nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Manaus e Fortaleza num total de 400 horas de reportagens (SITE G1 GLOBO, 2020).

Em 2022, o jornalista e cineasta Émerson Maranhão lançou o seu primeiro filme documentário de longa-metragem, *Transversais*. O filme é um dos retratos mais

comoventes do cinema brasileiro contemporâneo sobre as questões que atravessam a vivência de pessoas trans, apresenta de maneira muito humana os depoimentos de quatro pessoas transexuais que resgatam suas histórias, seus processos de autodescoberta e de trânsitos e jornadas (RENATO SILVEIRA, 2022).

Em 2022, um brasileiro estampa a lista dos indicados ao Oscar. O carioca Pedro Kos esteve entre os nomeados a melhor documentário de curta-metragem com “Onde eu Moro” (“Lead Me Home”), em exibição na plataforma de streaming Netflix. O filme dirigido em 2021 pela dupla Pedro Kos e Jon Shenk desvela a zona de desconforto da assepsia urbana idealizada da classe média, em especial aquela que habita as grandes cidades da costa oeste americana: São Francisco, Los Angeles e Seattle (SITE VERTENTES DO CINEMA, 2022).

Portanto, os meios técnicos existentes em determinada época historicamente situada, requerem a intervenção criativa do documentarista, para que a partir deles seja possível produzir documentários. No passado, o documentário revelou-se capaz de acompanhar o evoluir dos meios técnicos, evoluindo também.

2. A história LGBTQIA+ no mundo

A homossexualidade nem sempre foi um tabu. O preconceito e a marginalização de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, assexuais etc que estão presentes na sigla LGBTQIA+ não existiram em diversas sociedades ao longo da existência humana. Pelo contrário, essas relações eram admiradas e muitas vezes sagradas. Diversos pesquisadores afirmam que há mais de 10 mil anos já existiam relações homossexuais, que eram tidas como normais e inclusive, faziam parte de rituais religiosos. É possível fazer essa constatação por meio de registros históricos encontrados em expressões artísticas como pinturas, cerâmica, livros e esculturas. As tribos das ilhas de Nova Guiné, Fiji e Salomão, no oceano Pacífico, cerca de 10 mil anos atrás já exercitavam algumas formas de homossexualidade. O povo melanésio acreditava que o conhecimento sagrado só poderia ser transmitido por meio de relações sexuais entre pessoas do mesmo gênero (RODRIGUES; LIMA, 2019).

Na Nova Guiné, a tribo Etoro, possui a crença de que a “força da vida” está contida no sêmen dos homens. Em um ritual, um homem travestido interpretava um espírito dotado de grande alegria – o que, atualmente, pode ser comparado a um show de drag queen. Para esta tribo, as relações heterossexuais eram proibidas durante a maior parte do

ano, 260 dias. Já o coito homossexual era permitido e bem-visto a qualquer momento do ano, com justificativa baseada na crença da já mencionada, “força da vida” como forma de viabilizar as boas colheitas na ilha (CANTERO, 2016).

De acordo com a escritora Teresa Cantero, a tribo canibal Marind, e a tribo Sambia, ambas de Nova Guiné, assim como Etoro, acreditam no poder espiritual do sêmen, utilizando de práticas homossexuais em rituais que antecediam até mesmo o casamento heterossexual. Dados de 100 anos atrás que foram coletados na Nigéria, revelaram a existência de relações assemelhadas a um casamento à maneira que se conhece atualmente, entre mulheres.

Os casamentos eram arranjados, respeitando a formação entre uma mulher rica que deveria se casar com uma menina mais jovem. Estas mulheres ricas permitiam a participação de seus parceiros homens na relação, muitas vezes em troca de presentes. Para além destes presentes, um dos objetivos de convidar pessoas do gênero masculino também era o de gerar filhos (CANTERO, 2016).

Migrando para a América, há registros também de que em meados do século XVII, no Vale do Mississippi existia um terceiro gênero, nem feminino nem masculino, que era normalmente reconhecido pelos nativos americanos. Durante a colonização francesa, os europeus denominavam essas pessoas como “berchades”, um termo ofensivo, que na língua francesa era traduzido como “macho meretriz”. Nos dias atuais, os antigos “berchades” são retratados como “two-spirit” (duas almas) ou “third gender” (terceiro gênero). Estes indivíduos eram do gênero masculino e mantinham relacionamentos com outros homens, eles performavam feminilidade e assumiam trabalhos que eram originalmente feitos por mulheres (CANTERO, 2016).

Segundo Rodrigues e Lima (2019), na Mesopotâmia, cerca de 1750 A.C., o imperador Hammurabi criou um dos conjuntos de lei mais antigos e famosos do mundo, O Código de Hammurabi. Nele já havia privilégios que reconheciam a importância dos prostitutos e prostitutas. Esses profissionais do sexo eram vistos como sagrados e mantinham relações com homens devotos, inclusive dentro dos templos da própria Mesopotâmia, Egito, Índia, Sicília, entre outros lugares. Herdeiras do Código de Hammurabi, há mais de 3 mil anos as leis do império Hitita, localizado na península de Anatólia (atual Turquia, Síria e Líbano), reconheciam a união entre pessoas do mesmo gênero.

Em relatório de 2007 no *Journal of Modern History*, o estudioso Allan Tulchin pontuou que, no século XV na França Medieval, irmãos do mesmo gênero poderiam

manter relações sexuais, compartilhar do lar, das propriedades e a vida, tudo isto feito por meio de contratos judiciais vigentes na época, o que hoje seria classificado como incesto. O relatório mostrou que esses contratos, em algumas ocasiões, permitiam também as relações com pessoas fora do seio familiar sanguíneo. Tulchin ressaltou que essa prática era encontrada e documentada por todo o continente europeu, principalmente nos países que integravam a região mediterrânea. Berkowitz (2013, p. 68) revela que:

No período até aproximadamente o século XIII, cerimônias de união entre homens foram realizadas em igrejas por todo o Mediterrâneo. Essas uniões foram santificadas por padres, com muitas das mesmas preces e ritos usados no casamento. As cerimônias salientavam o amor e compromisso pessoal acima da procriação, entretanto, casais que se uniam em tais liturgias, provavelmente tiveram relações sexuais tanto (ou tão pouco) quanto seus homólogos heterossexuais.

Analisando os registros históricos da Grécia, as relações homossexuais tinham caráter até mesmo educativo. Na Cidade-Estado de Atenas, o envolvimento sexual entre os alunos e os filósofos era uma premissa para o desenvolvimento pedagógico, porque para eles era por meio do sexo anal que se transmitia o conhecimento. Era esperado que esses jovens atenienses aceitassem esse tipo de envolvimento amoroso e sexual com seus professores, com o objetivo de absorver virtudes e conhecimentos. Essas relações deveriam ser consensuais, tanto da parte do estudante, quanto de sua família. Quando esses meninos completavam 12 anos de idade, eles assumiam o papel de um parceiro passivo, o que durava até os 18 anos. Geralmente, quando se tornavam homens, aos 25 anos, eles se tornavam a parte ativa da relação (SOUZA, 2022).

Sócrates (469-399 a.C.), filósofo grego, era adepto do sexo com homens. Ele defendia que o amor entre duas pessoas do mesmo gênero era a melhor forma de conseguir inspiração, e que o sexo heterossexual era única e exclusivamente para a procriação.

No século IV a.C. a tropa grega conhecida como “O Batalhão Sagrado de Tebas” foi considerado o melhor exército de Tebas. A tropa era formada exclusivamente por homens bissexuais e homossexuais assumidos, ao todo 150 casais homossexuais faziam parte do exército. Já em Roma, as relações amorosas eram semelhantes aos ideais gregos. A pederastia (relação entre dois homens do gênero masculino, um adulto e um adolescente) era considerada uma relação genuína, com um sentimento puro. Entretanto, caso um homem mais velho fosse visto com outro homem da mesma idade, ambos passariam a ser vistos com desprezo por toda a sociedade, sendo motivo de vergonha a ponto de o sujeito perder o direito de exercer seu ofício (RODRIGUES; LIMA, 2019).

Até mesmo na mitologia romana, grega, a homossexualidade já existia. Os deuses hindus, babilônios, dentre outros, não possuíam gênero definido. Existem histórias na cultura hindu de que o deus Ganesh, deus da fortuna, era fruto da relação entre duas divindades mulheres.

Em contrapartida à essas civilizações livres de preconceito, pode-se analisar o que acredita-se ser o primeiro código penal que pune relações homossexuais. Esse código pertencia ao império mongol de Gengis Khan, no século XIII, onde a sodomia era “combatida” com pena de morte. Já no ocidente, o cristianismo e sua disseminação, levaram a diversos lugares a ideia de que relações homossexuais e homoafetivas eram pecado (RODRIGUES; LIMA, 2019).

No ano de 1533, surgiram duas leis que tiveram como base forte interferência da Inquisição: a inglesa “Buggery Act” e o “Código Penal de Portugal”. Em ambas, os julgamentos eram feitos por membros eclesiásticos que condenavam a sodomia, podendo impor pena de morte. No contexto geopolítico da época, em que Inglaterra, Portugal, Espanha e França dominavam e detinham a imensa maioria dos territórios existentes no mundo, não se pode excluir a influência que essas potências e suas legislações exerciam sobre as colônias, levando assim a homofobia para além da Europa (RODRIGUES; LIMA, 2019).

O preconceito perdurou ao longo dos séculos. De acordo com os autores, em meados de 1933, na Alemanha nazista, sob o domínio de Hithler, a população que fugia dos padrões heterossexuais era exterminada nos campos de concentração. Lá, os homens gays eram marcados com um triângulo rosa invertido e obrigados a manter relações sexuais com outros prisioneiros; já as mulheres lésbicas eram marcadas com um triângulo preto invertido. Essas pessoas eram vistas como pervertidas, e até mesmo doentes. Eram tratados como escória, foram castradas, serviam como cobaia para as experiências nazistas, sofriam “estupros corretivos” e até mesmo lobotomia, práticas tendo em vista que a homossexualidade era considerada uma doença mental.

Com a popularização das teorias biológicas e o auge da filosofia da razão como verdade absoluta, entre os séculos XIX e XX, cientistas em todo o mundo começaram a estudar para descobrir a explicação científica para a homoafetividade. Em decorrência disto, a lobotomia cerebral foi sancionada como tratamento padrão para pessoas LGBTQIA+ sendo uma solução cirúrgica para se “livrar do hábito” (RODRIGUES; LIMA, 2019).

A conhecida “cura gay” surgiu daí e desde então foi difundida por diversos países ao redor do mundo, sugerindo que procedimentos como vasectomia, histerectomia e hipnose fossem usadas como tratamento. Na década de 1960, pacientes que eram internados em clínicas que prometiam a “cura gay”, eram submetidos a choques e drogas indutoras de náuseas enquanto assistiam filmes eróticos gays. Essa abordagem era chamada de “terapia de aversão” e tinha como objetivo associar sensações físicas desagradáveis causadas por fatores externos aos sentimentos homoafetivos. Um exemplo desta prática é retratado no filme *Laranja Mecânica*, de 1971, pelo “Tratamento Ludovico” (BOTELHO, 2020).

Ainda na década de 1960, ser homossexual era ilegal em todos os estados dos Estados Unidos da América, menos em Illinois. O matemático, Alan Turing, conhecido como o pai da computação, sofreu castração química, mesmo sendo o principal nome responsável pelo fim da Segunda Guerra Mundial (BOTELHO, 2020).

Na mesma época, nos Estados Unidos ainda era ilegal ser homossexual. Com isso era comum pessoas LGBTQIA+ serem espancadas publicamente. Em Nova Iorque os clubes e bares nas periferias eram o refúgio dessas pessoas. Entretanto, a cidade também proibia a venda de bebidas alcoólicas para pessoas não heterossexuais, com a desculpa de que elas reunidas causariam desordem. Por isso, os policiais faziam visitas inspecionais frequentemente a esses estabelecimentos. (GUEDES, 2021).

Segundo Maria Julia Guedes (2021), durante esse período em Nova Iorque, a família mafiosa Genovese viu uma oportunidade de capitalizar e lucrar com os bares que ninguém queria mais. Com isso, eles compraram o Stonewall Inn, que antes era um bar renomado em Greenwich Village. Tony Lauria, chefe da máfia e integrante da família Genovese, subornava os policiais com 1200 dólares mensais para burlar a fiscalização e viabilizar o superfaturamento das bebidas que eram vendidas no Stonewall.

Entretanto, no dia 28 de mês de 1960 a polícia nova-iorquina apareceu no bar para uma inspeção surpresa. A abordagem foi violenta, treze pessoas foram presas, entre funcionários e frequentadores. Ao saírem na rua, os policiais foram recebidos com dezenas de pessoas gritando e jogando o que estivesse em suas mãos, pedras e garrafas foram arremessadas, todos revoltados com o que estava acontecendo. As pessoas estavam agitadas, milhares de pessoas LGBT’s e os conhecidos “simpatizantes” se reuniram e foram as ruas. O protesto durou seis dias e entrou para a história do movimento LGBT (STOODI, 2021).

Há 30 anos a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou o homossexualismo do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Distúrbios Mentais, que era classificado como doença de perversão. O termo homossexualismo também foi banido, já que o sufixo “ismo” se refere a doenças e transtornos. O termo homossexual foi criado em 1869, e foi definido pelo médico Karoly Maria Benkerdsua. Mesmo com esses avanços, de acordo com relatório elaborado em 2016 pela Associação Internacional de Gays e Lésbicas, ainda é crime ser homossexual em 72 países, sendo punido com pena de morte na Arabia Saudita, Iémen e Irão, Mauritania, Emirados Árabes, Qatar, Paquistão e Afeganistão (ILGA, 2016).

2.1 O movimento LGBTQIA+ no Brasil

Quando a Rebelião de Stonewall aconteceu, o Brasil passava por um dos piores momentos da Ditadura Militar (1964-1985). Em dezembro de 1968, havia sido outorgado o Ato Institucional nº5 (AI-5), que retirava uma série de liberdades civis e de direitos individuais, fazendo aumentar a censura no Brasil. Como consequência, o movimento em defesa dos direitos LGBT eclodiu como um ato de resistência, ato este marcado pela repressão e por ideais conservadores. (GREEN; QUINHALHA, 2014).

Ferreira e Sacramento (2014) explicam que foi inserido nesse contexto, mais especificamente no final da década de 1970, as lutas e movimentos identitários, como o movimento negro, movimento feminista e o movimento homossexual. Inseridos nesse novo cenário político, dentre as diversas problemáticas existentes, a busca por visibilidade e respeito passa a ser intrínseco à ideia da conquista da plena cidadania. Assim, essas militâncias começam a defender que “direitos políticos, sociais e civis só se tornam legítimos socialmente para os cidadãos quando são perpassadas pelo direito à comunicação, sobretudo na nossa sociedade na qual é através das mídias que se torna possível promover o eco social” (FERREIRA; SACRAMENTO, 2014, p. 235). Dialogando com estes autores, Lima (2014, p. 15) esclarece que:

O direito à comunicação se constituiria, ao mesmo tempo, em direito civil – liberdade individual de expressão; em direito político – através do direito à informação; e em direito social – através do direito a uma política pública garantidora do acesso do cidadão às diferentes formas de comunicação mediadas tecnologicamente.

Considera-se que o Brasil sempre enfrentou dificuldades no sentido de proporcionar a plena democracia a todos os cidadãos. Freire (1967) constata que desde o período da colonização, o país opera sob um sistema de comunicação que ele denominou

como “mutismo”, em que as minorias não possuem voz, logo não conseguem sair da escuridão do preconceito, vivendo sob julgamento da cultura que em algum momento se denominou superior. Reconhecendo o papel influenciador da mídia, os grupos militantes começaram a produzir material comunicacional.

Em 1978 surgia o inicialmente nomeado “Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais”, hoje conhecido como Grupo Somos: Grupo de Afirmação Homossexual, ou simplesmente Somos, considerado o primeiro grupo brasileiro de defesa dos direitos LGBT. Ferreira e Sacramento (2014) levantaram a ligação do grupo com a mídia. Ele teve como primeiro ato público um protesto por meio de uma carta enviada ao sindicato dos jornalistas reivindicando que os homossexuais fossem retratados de forma respeitosa e não injustamente criticados e apedrejados como sempre eram (MACRAE, 2018).

O Somos possui produção própria e no começo os militantes colocavam em circulação jornais para difundir informações livres de homofobia e que fossem esclarecedoras. Além disto, esses jornais foram a maneira mais efetiva que o grupo encontrou para promover os ideais da militância LGBT. Concomitante ao Somos, surgiu o jornal Lampião da Esquina, também inserido no contexto de imprensa alternativa, como forma de refúgio e protesto. Impulsionados por essa mídia pioneira, Ferreira e Sacramento (2014, p. 237) trouxeram informações sobre o surgimento de diversos outros grupos:

Durante a década de 1980, pelo menos, dez grupos ligados ao movimento homossexual brasileiro lançaram publicações e tinham como uma de suas pautas os regimes de visibilidade da homossexualidade, sendo eles: o ‘Gathó’ do Grupo de Atuação Homossexual, o ‘ChanacomChana’ e o ‘Informativo Associação Galf’ do Grupo de Ação Lésbico Feminista, o ‘Nós Também’ do Grupo Nós Também, o ‘Facção Homossexual’ do grupo Facção Homossexual ligado à Convergência Socialista, ‘Boletim do G.G.B’ do Grupo Gay da Bahia, o ‘Boletim Informativo do Grupo Dialogay’ do Grupo Dialogay, o ‘Triângulo Rosa’ do Triângulo Rosa, o ‘Jornal do Jatobá’ do Movimento de Emancipação Homossexual e o ‘Boletim Informativo LAMBDA’ do Movimento pela Livre Orientação Sexual.

Desde o surgimento do Grupo Somos, os movimentos sociais de militância iniciaram a luta pelo reconhecimento da diversidade sexual e de gênero. A articulação destes grupos inicialmente identificados como o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB) passou a se chamar Movimento LGBT, como é conhecido na atualidade, sendo o resultado da diversificação e reconhecimento da importância das reivindicações das pessoas LGBT. (FERREIRA; SACRAMENTO, 2014).

O professor de direito da Universidade Federal de São Paulo (USP), ativista de direitos humanos e um dos autores do livro “A História do Movimento LGBT no Brasil”, Renan Quinalha, em entrevista à BBC News explicou que, apesar do forte empenho

desses inúmeros grupos e movimentos, não existiu nenhum com a mesma proporção e visibilidade como o Stonewall Inn. No entanto, o autor pontuou que partindo de um ponto de vista simbólico existem alguns eventos que podem ser levemente comparados a Stonewall (REDAÇÃO DA BBC NEWS BRASIL, 2019):

No Dia do Trabalho de 1980 um grupo LGBT se une à classe trabalhadora num ato do movimento sindical, que estava sob intervenção da ditadura, na Vila Euclides, em São Bernardo do Campo (SP). O outro aconteceria em 13 de junho de 1980, quando várias pessoas protestaram contra a violência policial e o delegado José Wilson Richetti, que comandava ações de repressão. Foi uma aparição pública forte do movimento LGBT. Em 19 de agosto de 1983, um protesto que ocorreria em um bar frequentado por mulheres gay em São Paulo, o Ferros's Bar, ganharia o nome de "O pequeno Stonewall Inn" brasileiro. Na véspera, o dono do bar no centro de São Paulo (anos depois o local abrigaria outro famoso ponto da noite paulistana, o Xingu), que era referência para a comunidade lésbica, havia chamado a polícia e impedido algumas mulheres de vender no local uma publicação chamada "ChanacomChana", porque esta atentava contra os bons costumes. No dia seguinte, várias frequentadoras e ativistas invadiram o Ferro's para ler ali um manifesto em defesa dos direitos das lésbicas. Em 2003, a data deste protesto, 19 de agosto, se tornaria o Dia do Orgulho Lésbico no Brasil (REDAÇÃO DA BBC NEWS BRASIL, 2019, p. 02).

Em 1994 a sigla GLS foi criada por André Fischer por meio da motivação estratégica de comunicação para a estreia do Festival Brasil Mix (MILLER, 2022). Inicialmente, a sigla englobava os gays, as lésbicas e os chamados simpatizantes, que eram pessoas heterossexuais que apoiavam o movimento LGBT. Entretanto, a própria organização do festival percebeu como a sigla era excludente. Inspirados pela já existente sigla LGBT nos Estados Unidos, em 2008 a sigla GLS caiu em desuso no Brasil, sendo inicialmente substituída pela sigla GLBT, mas como percebeu-se à época, as mulheres mesmo dentro do movimento LGBT eram deixadas em segundo plano, segundo o autor. Dessa forma, o "L" passou a assumir a primeira posição na sigla.

Ao longo dos anos a sigla foi sofrendo diversas alterações com a intenção de incluir todas as pessoas que não sejam cis e heterossexuais, abrangendo identidade de gênero e orientação sexual. Assim, surgiu a sigla como conhecemos hoje, LGBTQIA+. O "L" representa as lésbicas, o "G" os gays, o "B" para os bissexuais, o "T" representa as pessoas transsexuais, o "Q" as pessoas queer's, o "I" para pessoas intersexuais, o "A" para os assexuais, e o "+" para incluir todas as outras pessoas que não se enquadram nestas letras, como pansexuais, agêneros, aromânticos, não binários, gênero fluido, etc. Vale ressaltar que contraposto à transexualidade, temos a cisgeneridade. Pessoas cisgênero ou cis, são aquelas que se identificam com o gênero que lhe foi designado ao nascer. (MILLER, 2022).

Observando o panorama geral, esses anos de luta e esforços incansáveis para que a população LGBT goze de direitos plenos conquistou, nas últimas décadas, resultados positivos como a possibilidade da realização do casamento entre pessoas do mesmo sexo, a adoção de crianças por casais homossexuais, ter acesso a cirurgia de redesignação pelo Sistema Único de Saúde (SUS), alteração do nome no registro civil e a possibilidade da criminalização da homofobia dentro do crime de racismo (SANTOS ADVOGADOS, 2019.). Entretanto, ainda estamos longe da realidade desejada. Em 2021, o Grupo Gay da Bahia (GGB) publicou o Relatório de Mortes Violentas de LGBTQIA+ no Brasil, nele ficou evidente a problemática relacionada ao preconceito que causa violência, seja ela física, verbal ou psicológica. A cada 29 horas uma pessoa LGBT é assassinada no Brasil. 300 pessoas LGBTQIA+ morreram de forma violenta, 276 (92%) foram assassinadas e 24 (8%) cometeram suicídio. O Brasil continua sendo o país em que mais pessoas LGBTQIA+ são assassinadas. Essas estatísticas escancaram a dura realidade que é viver sendo LGBT no país. O relatório também levantou o panorama nacional destrinchado por regiões e cidades:

O Nordeste foi a região onde mais LGBT tiveram morte violenta, 35% dos casos, seguida do Sudeste (33%). É a primeira vez que o Sudeste concentra tantos óbitos: mais do que a soma total das demais regiões, Sul, Norte e Centro-Oeste. Não há regularidade sociológica que explique essa e muitas das ocorrências, como também, por exemplo, a redução das mortes nos meses de primavera. São Paulo é o estado onde ocorreu o maior número de mortes, 42 (14%), seguido da Bahia com 32, Minas Gerais com 27 e Rio de Janeiro, 26. Acre e Tocantins notificaram apenas um assassinato e Roraima foi o único estado sem registro. A capital mais perigosa para o segmento LGBTI+ em 2021 foi Salvador (12 mortes), seguido de São Paulo, com 10 ocorrências. Salvador, com aproximadamente 3 milhões de habitantes, registrou duas mortes a mais que São Paulo, 12 milhões, risco portanto de um LGBT baiano ser vítima de morte violenta é 3/4 superior ao de um paulistano (GRUPO GAY DA BAHIA, 2021, p. 02).

Para além da violência física, pode-se destacar a violência psicológica. A American Psychological Association apontou em um estudo a teoria do “minority stress” (estresse das minorias em português). Esta teoria levanta a perspectiva do impacto da homofobia e o estresse psicológico que pessoas LGBTQIA+ sofrem nas relações interpessoais inseridos em uma sociedade que historicamente tende a oprimir as minorias. Problemas como a não-aceitação, rejeição e discriminação contribuem para que essa população tenha maiores riscos de desenvolver problemas psicológicos, afetando a saúde mental, mais do que em relação às pessoas cis e heterossexuais.

O preconceito e a discriminação são tão presentes nas vidas dos LGBT, que direitos básicos de cidadão/as são negligenciados de forma que os coloca em uma situação

de vulnerabilidade social que agrava várias outras demandas sociais como “ausência e carência do acesso à educação, à profissionalização, à saúde, à assistência e previdência social, e, demais direitos humanos, civis, políticos e sociais” (MENEZES; OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2018, p. 01).

Uma das diversas dificuldades que pessoas LGBT encontram está presente no mercado de trabalho. Ferreira e Siqueira (2007) consideram que o preconceito e a discriminação já estão nitidamente presentes desde o momento pré-contratual, uma vez que “as identidades de gênero não são “ocultadas” ou “omitidas” de forma direta, mas se apresentam claramente na vida desses sujeitos tanto no contexto comportamental como no que se remete à aparência física” (MENEZES; OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2018, p.5).

A maneira em que se enxerga a diversidade sexual e de gênero implica diretamente na maneira em que se respeita ou discrimina. Esse raciocínio possui raízes no sistema de produção capitalista, reconhecido como racista, patriarcal e heteronormativo. O capitalismo usa os padrões que ele mesmo criou como forma de selecionar ou excluir pessoas que apresentam perfis diferentes do “ideal” (FONTES,2010). Nessa direção, Álvaro (2013) ainda critica a forma em que o sistema capitalista oprime os sujeitos, e principalmente os travestis:

Há ainda outra dimensão importante a se considerar nessa “ordem” hierárquica, que é a heteronormatividade, ou seja, a obrigatoriedade do sistema heterossexual de organização social. Certamente, os homens brancos (não negros) e heterossexuais possuem muito mais privilégios do que o outro lado extremo dessa estrutura de desigualdade: a mulher negra, lésbica e pobre. Assim a dimensão da orientação sexual, nessa sociedade que também é heteronormativa, engendra opressões, inclusive no interior da mesma classe. Por exemplo, um homem pobre e heterossexual possui muito mais respeitabilidade do que um homem pobre gay. Contudo, um gay rico ainda que, certamente, sofra opressões, elas são diferenciadas das que sofre um gay pobre. Mas do que isso, um homem gay rico possui determinados privilégios oferecidos pela sua condição socioeconômica que um homem pobre heterossexual não possui (ÁLVARO, 2013, p. 50).

De acordo com o autor, deve-se levar em consideração as diversas possibilidades que a sexualidade humana possui e nos permite ter, “mas que a sociedade patriarcal e heteronormativa condena. Em outras palavras, no interior do campo dos “transgressores” da heteronormatividade, existem desigualdades e preconceitos mais acentuados para alguns, como por exemplo, para as travestis” (ÁLVARO, 2013, p. 50).

2.2 LGBTQIA+ no Estado de Goiás

O Estado de Goiás em geral, sem desarmonia com o restante do país, é considerado preconceituoso e excludente quando se trata do público LGBT. Em contrapartida, existem algumas ações governamentais e não governamentais que respaldam essa parcela da população atualmente. Lutas e opressões já foram enfrentadas pelo público LGBT do Estado de Goiás.

Em 28 de junho de 1996, o Monumento das Três Raças instalado na Praça Cívica, em frente ao Palácio das Esmeraldas no centro de Goiânia, foi palco da primeira Parada do Estado de Goiás. A ação foi realizada pela Associação Ipê Rosa e o Grupo pela Vida, duas organizações fundamentais para a realização desta primeira edição e a conquista de direitos no município. Neste dia, nove ativistas hastearam bandeiras e simbolicamente abraçaram o movimento das três raças. Em contrapartida a polícia repreendeu o ato argumentando que se tratava de um monumento público e um bem patrimonial dos goianienses e não de um grupo isolado. (Revista Memórias LGBTQIA+ Goiás, Edição Especial, 2017).

Segundo Maia (2015), a II e a III Parada foram realizadas respectivamente em 1998 e em 1999 em um novo local, o Bosque dos Buritis, próximo ao local do primeiro encontro. Já a IV edição, ocorrida em 2000, teve novamente seu local foi alterado para Rua do Lazer. Em 2003, devido o número de participantes da renomeada Parada Unificada do Orgulho GLBT passa a ocorrer no Bosque Botafogo, onde permanece até os anos atuais, sendo interrompida pela pandemia do Covid-19, as comemorações foram ampliadas para uma semana de atividades e transferindo-as para o mês de setembro, onde prevê o acontecimento no ano de 2022 (Revista Memórias LGBTQIA+ Goiás, Edição Especial, 2017).

Em 2020 foi criado o Comitê Estadual de Enfrentamento a LGBTQIAfobia e a Câmara Técnica LGBTQIA pelo Governo de Goiás, que tem como objetivo fazer todo o processo de monitoramento, proposição e acompanhamento das políticas públicas de enfrentamento à LGBTQIAfobia no Estado. Por meio do Comitê são feitos atendimentos no Centro de Referência Estadual da Igualdade (CREI), (Site da secretária de Desenvolvimento Social – Seds).

O Feirão de Emprego voltado para o público LGBTQIA+, organizado pelo Governo de Goiás em parceria com entidades privadas e órgãos públicos, faz parte de outra iniciativa de grande importância que aconteceu no ano de 2022 em Goiânia e prevê continuidade. “Vagas de emprego, cursos e informações sobre mudança de gênero na

identidade fazem parte de evento que aconteceu durante um dia em Goiânia”. (ALCÂNTARA, 2022, JORNAL METRÓPOLES). No entanto, fazer parte da sociedade como um todo, é um dever difícil para quem é LGBT. O mercado de trabalho é excludente, elevando o número de pessoas LGBTs que se encontram em situação de rua e sobrevivendo da prostituição.

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública divulgado neste ano com dados referentes aos anos de 2018 e 2019, o Estado de Goiás registrou queda no número de agressões e mortes contra LGBTQIA+, no entanto, o número de estupros registrados aumentou 160%, (RODRIGUES, 2020). Quando se trata de uma parcela que sobrevive as margens da sociedade, é válido lembrar que nem todo caso é registrado ou conta com amparo.

Em relação às alternativas de lazer, existe na capital goiana referências em bares, boates e distrações voltadas para o público LGBTQIA+, que podem ser encontradas no site do Eldo Gomes, que citou em 2021 alguns desses lugares, fazendo referência ao Reterê, um lugar descontraído com Djs e festas; Roxy, casa noturna com mezanino; Avalon Club, ampla casa noturna com diversos DJs, festas temáticas e pista de dança.

2.3 Vidas em narrativa

Os personagens entrevistados para o documentário *O Outro Lado do Arco-Íris* dão voz e emoção a todas as dificuldades descritas neste trabalho. Eles se despiram e mostraram suas dores e traumas da forma mais genuína possível. Em todos os relatos o preconceito começou logo na infância. Liz Faria (2022)¹, passou por inúmeras situações desagradáveis mas destacou uma que a marcou profundamente “Teve um episódio que os meninos pegaram a minha mochila e tacaram no banheiro feminino e falaram assim se você é menininha você pode entrar nesse banheiro. E aquilo para uma criança é uma coisa muito pesada de ouvir, porque a gente não sabe quem que a gente é. Então..., mas eu sabia que isso era mal porque eu ficava magoada, chorava. Então eu sabia que isso que eles estavam fazendo comigo era algo ruim.”.

Para o Leonardo Dutra (2022)² não foi diferente. Sofreu por muito tempo calado na escola, chegando a sofrer violência física, mesmo sem entender o que estava acontecendo “Eles contaram para outras pessoas e nisso eu apanhava na escola, as vezes eu chegava com marca roxa no pescoço de receber em enforcão na escola, é... tapa na

¹ Transcrição da entrevista da personagem Liz Faria do filme *O Outro Lado do Arco-Íris* (2022).

² Transcrição da entrevista da personagem Leonardo Dutra do filme *O Outro Lado do Arco-Íris* (2022).

tapa na cara, mas assim... E minha mãe nunca soube. Eu fui contar para ela tudo que eu passei na escola depois velho.”. A relação com a família é um grande destaque nos relatos de todos os entrevistados. Nicolly Palladino (2022)³ se emocionou ao falar sobre a quebra da sua proximidade com sua mãe e como esse afastamento a magoava:

Aí foi tudo piorando mesmo. Minha mãe ficou muito tempo sem falar comigo. A gente morando na mesma casa. Ela não... Eu já trabalhava com meu pai, não tinha tempo de fazer algumas coisas e ela que fazia mais as "função" da casa né? Porque ela não estava trabalhando na época, e eu, o meu pai e minha irmã já estava trabalhando. E aí ela lavava a roupa de todo mundo e não lavava a minha... E aí eu fui aprendendo a fazer essas “funções” sozinha porque ela foi mesmo que me deixando de lado. E, é aquilo nossa, me deixou muito, muito desolada assim, péssima. Eu também era uma criança não sabia lidar direito com as coisas.

A psicóloga Patrini Raimundo (2022)⁴ fala sobre o papel da família durante o processo de aceitação das pessoas LGBT “A gente sempre fala, e a sociedade fala que família é a base, né? Que família é o porto seguro. E muitas vezes é dentro desse porto seguro que está o problema. E se a pessoa não se sente acolhida dentro de casa, tem que buscar esse acolhimento na rua, e não é fácil.”. Para Liz⁵ (2022), uma mulher trans, esconder dentro de si mesma era torturante:

Não faço ideia como eu consegui guardar a pessoa que eu sou por tanto tempo, sabe? Eu obviamente as vezes eu não conseguia, eu tinha que expressar essa minha feminilidade de alguma forma. Então eu expressava isso nos desenhos, eu expressava as vezes escondida no banheiro. Eu me vestia as vezes de forma que eu achava feminina, sabe? Mas tudo muito sabe discretamente, tudo muito devagar, porque eu sabia que isso ia causar muito conflito para mim.

Leonardo (2022)⁶ relatou ter tentado buscar ajuda na igreja mas só encontrou repúdio, o que tornou tudo em sua vida ainda pior “Mas é... sempre tinha aquele culto que eles gostavam de pregar sobre como eu era errado. Não, não eu especificamente, mas como era errado ser eu. Sempre tinha aquele comentário que o outro falava aí porque fulano ali ele era gay. Era gay, como se existisse né o ‘ex gay’”. Eu comecei a me sentir muito afetado lá dentro. Eu falei poxa, eu tento buscar a salvação que eles tanto dizem, mas eu chego aqui eu não consigo sentir isso, o meu pensamento não é o que o meu corpo

³ Transcrição da entrevista da personagem Nicolly Palladino do filme *O Outro Lado do Arco-Íris* (2022).

⁴ Transcrição da entrevista da personagem Patrini Raimundo do filme *O Outro Lado do Arco-Íris* (2022).

⁵ Transcrição da entrevista da personagem Liz Faria do filme *O Outro Lado do Arco-Íris* (2022).

⁶ Transcrição da entrevista da personagem Leonardo Dutra do filme *O Outro Lado do Arco-Íris* (2022).

fazendo. Eu estou vindo aqui, eu estou orando, eu estou pedindo a Deus pelo amor de Deus para tirar isso de mim porque eu achava que era errado, mas nunca tirou.”.

CAPÍTULO II

MEMORIAL

João Lucas Ferreira Dos Santos

O processo de idealização de um produto tão complexo que desaguardaria no encerramento de um ciclo, não foi fácil para mim. No começo do curso eu idealizava para a reta final o desenvolver de um livro reportagem, essa ideia foi abandonada durante as aulas de Documentário Jornalístico, quando me encontrei e me desafiei a criar o meu próprio filme. A partir daí fora despertado meu desejo de conceber um documentário como forma de transmitir todo meu aprendizado e minha perspectiva de algo.

A ideia do tema foi pensada juntamente com minha amiga e colega de turma, Yasmin Freitas, durante ainda as aulas de Documentário Jornalístico, amadurecemos o processo e chegamos na conclusão da temática e do nome que o documentário iria carregar. Nos sentimos incluídos no grupo LGBTQIA+ e observamos a importância dos relatos que posteriormente iriam ser capturados para o filme e mostrados para a sociedade.

Os importantes relatos contidos no filme realizado por mim e pela Yasmin Freitas permitiram que eu me recordasse da minha trajetória enquanto homossexual. Nesse aprendizado, eu pude perceber o quão a comunicação é importante.

A partir das pesquisas nas quais eu pude me aprofundar na historicidade da comunidade LGBTQIA+ no Brasil e em Goiás, eu fiquei mais instigado a ir em busca de fontes e iniciar tão logo a criação do que eu já vislumbrava. Ao que me parece, as dificuldades começaram a surgir em seguida, depois da minha empolgação.

Dá vieram as dificuldades em romper os entraves do primeiro passo para escrever uma linha, para gravar a primeira entrevista, para plasmar algo. Essas características da procrastinação vieram juntamente aos bloqueios criativos em todas as vezes em que eu decidia assumir a produção.

Apesar de todos esses obstáculos, quando eu me permiti transpô-los, as ideias ficaram mais claras. No entanto, um segundo ato árduo viria a seguir. Não conseguíamos agendar as entrevistas para um só dia, deslumbrando assim a ideia de colher os relatos de forma remota, utilizando aplicativos on-line. Executar um projeto como planejado já não fazia mais parte da nossa realidade, colocando em pauta os desafios que a captação de imagens perfeitas e o som adequado desencadearia no sistema on-line.

Então, por fim, conseguimos marcar todas as entrevistas, contando com o abandono de uma das personagens que, em nosso entendimento, não acrescentaria no trabalho. Eu estou satisfeito em ter realizado um trabalho prazeroso como este, mas ficarei ainda mais se, com ele, as pessoas forem estimuladas a ter um panorama mais elevado da importância da não homofobia, assim como da evolução e da clareza para o desenvolvimento humano.

Yasmin Freitas Oliveira

Este trabalho é muito especial para mim, não apenas pela representatividade que ele tem em nossa formação acadêmica, mas principalmente pelo tema. Desde muito criança eu lembro de presenciar situações de preconceito e discriminação e mesmo sem entender quase nada uma revolta tomava conta de mim. Sempre tive uma queda por questões de apelo social. E na minha cabeça nunca fez sentido alguém ser julgado e menosprezado pelo modo como é e vive. Mesmo antes de me descobrir, já me considerava como aliada das causas LGBTQIA+, e foi na universidade que tudo mudou.

Desde o terceiro período eu sabia que iria fazer um produto documentário sobre homofobia. Não sabia como, quando nem com quem, mas sabia que seria irredutível quanto a isso. Me descobri no final do primeiro ano de jornalismo, e com isso vi meu mundo mudar. Sei que é inegável o meu privilégio, mesmo que sendo parte da comunidade, ainda sou branca, classe média, heteronormativa e sempre tive o apoio dos meus pais, o que me difere da maioria da população LGBT.

Nunca tive medo ou vergonha, sempre fui uma pessoa muito corajosa e bem resolvida. Mesmo assim vi minha vida mudar rapidamente. Mesmo com todos os privilégios passei por situações em que senti na pele o ódio e a intolerância. Pessoas que antes me admiravam virando as costas para mim, atitudes que eu tinha em público passaram a ser apenas para o privado. Com isso, a necessidade de dar voz a esse sofrimento ficou ainda maior. Conheci inúmeras pessoas da comunidade LGBTQIA+, e a cada uma delas, ao ouvir suas histórias de luta, sofrimento e superação essa vontade só crescia.

Durante o curso me apaixonei pelo audiovisual e então bati o martelo de que seria mesmo um documentário. A jornada começou na busca pelas fontes. Por ser um tema muito sensível, muitas pessoas ficaram receosas em participar. Afinal de contas não é todo dia que você conta suas dores mais profundas para uma estranha. Foi um trabalho

muito difícil, porque as pessoas que eu não conhecia previamente eu tive que conquistar a confiança e deixá-las o mais confortável possível em questão de minutos.

Todos os entrevistados tinham uma agenda extremamente complexa e inflexível, mesmo os que eram de Goiânia. Conversando com a professora Dr^a Eliani, vimos que a melhor opção seria a entrevista *on-line*. Percebemos uma tendência a esse novo modelo de entrevistas, que teve como grande influência a pandemia da Covid-19. Em decorrência disso, as entrevistas possuem enquadramentos diferentes, o som em níveis de volume diferentes e a qualidade da imagem, em alguns momentos, ficou comprometida. Por mais que eu tentasse orientar os entrevistados com o posicionamento da câmera, com itens atrás dele, alguns erros acabaram ocorrendo. O que não tira, no meu entender, o brilho do filme e os objetivos atingidos com a sua realização.

Durante as entrevistas me emocionei muito, chorei em todas praticamente. Conforme o produto tomava forma, um sentimento de realização assumiu. Ver aqueles relatos se encaixando, ver a emoção de cada entrevistado só me dava a certeza de que estava no caminho certo. Estou orgulhosa do trabalho final, acredito que consegui capturar a essência de cada entrevistado e suas particularidades também. Dar voz a essas pessoas e escancarar o preconceito doentio da nossa sociedade me encheu de vida e de esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação de um filme documentário permite o alongamento da temática abordada, tanto por parte de seus idealizadores, quanto a modificação do objeto retratado. A denominação de uma abordagem fílmica para representação de determinadas ideias, fornece ao meio social um aprofundamento reflexivo da realidade, mas, mais ainda, abastece o espectador com conhecimento por intermédio da reverberação que o gênero documentário pode proporcionar.

Nesse sentido, a documentação de *O outro lado do arco-íris* pôde estabelecer um vínculo com a realidade, ainda que por recorte. Nesse sentido, a tangibilidade da problemática envolvendo o grupo LGBTQIA+ vai além do conservadorismo social e da falta de políticas públicas identificadas nos discursos do filme *O outro lado do arco-íris*.

A incipiência do Brasil e a permanência no marasmo dos estudos acerca da mudança perante a sociedade envolvendo a sigla é escassa, dessa maneira as obras existentes têm a intensão de relatar o passado. No que se refere às publicações, poucas ultrapassam o alcance de um público restrito, a maioria em arquivos acadêmicos.

Por consequência, a escassez de pesquisas que busquem evidenciar as questões em torno da homofobia no Brasil corrompe o desenvolvimento desse quadro cênico, porém não revoga seus predicados ancorados na resistência de existir ainda que a espreita.

Para que as barreiras da superficialidade no tratamento da homofobia sejam rompidas, devem ser preservados os anais dos que contribuem e dos que contribuíram com ela. Por isso, a estima pelas vivências relatadas em *O outro lado do arco-íris*, que poderão fomentar um protagonismo da não homofobia no mundo, no Brasil e em Goiás.

REFERÊNCIAS

ÁLVARO, Mirla. Cisne. **Feminismo, lutas de classe e consciência militante feminista no Brasil**. Tese de Doutorado em Serviço Social, defendida no Centro de Ciências Sociais, na Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, em 2013. 408p.

BERKOWITZ, Eric. **Sex and Punishment: Four Thousand Years of Judging Desire**. Publicado por The Westbourne Press, Londres, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=gS8hBQAAQBAJ&pg=PT104&dq=Eric+Berkowitz+gay+couples&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwjm4OGEntX3AhX-BbkGHQ7DCkAQ6AF6BAgLEAI#v=onepage&q=Eric%20Berkowitz%20gay%20couples&f=false>. Acesso em: 20 out. 2022.

BOTELHO, Isabella. **Orgulho LGBTQI+**: Conheça a história do movimento por direitos. Mercadizar, Manaus, 22 de junho de 2020. Disponível em: <https://mercadizar.com/noticias/orgulho-lgbtqi-conheca-a-historia-do-movimento-por-direitos/>. Acesso em: 10 maio 2022.

CANTERO, Teresa. **Historical Examples Of Why “One Man, One Woman” Has Never Been The Only Option**. Magazine All that’s interesting. Nova Iorque, 2 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://allthatsinteresting.com/homosexuality-norm>. Acesso em: 10 maio 2022.

CARROLL, Aengus. **State-sponsored homophobia - a world survey of sexual orientation laws: criminalisation, protection and recognition**. 11th edition, 2016. Disponível em: https://ilga.org/downloads/02_ILGA_State_Sponsored_Homophobia_2016_ENG_WEB_150516.pdf. Acesso em: 11 maio 2022.

DA-RIN, Sílvio. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.

DENTATO, Michael. **The minority stress perspective**. Psychology and AIDS Exchange Newsletter. American Psychology Association. Washington DC, abril de 2012. Disponível em: <https://www.apa.org/pi/aids/resources/exchange/2012/04/minority-stress>. Acesso em: 18 maio 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FERREIRA, Renata Costa. **O gay no ambiente de trabalho: análise dos efeitos de ser gay nas organizações contemporâneas**. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade de Brasília, Distrito Federal, 126p.

FERREIRA, Vinicius; SACRAMENTO, Igor. **Movimento LGBT no Brasil: violências, memórias e lutas**. Editorial publicado na Revista Eletrônica de Comunicação Informação e Inovação em Saúde da Fiocruz, São Paulo, abril-junho de 2019. Disponível em:

<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1826>. Acesso em: 18 maio 2022.

FONTES, Virginia. **O Brasil imperialista e o capital-imperialismo: teoria e história**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

GREEN, James; QUINALHA, Renan (Orgs.), **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e busca pela verdade**. São Carlos: Edufscar, 2014.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil: relatório de 2021**. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/02/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>. Acesso em: 18 maio 2022.

GUEDES, Maria Julia. **Rebelião de Stonewell: qual a sua importância para os movimentos lgbt+ nos dias atuais?**. Politize, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/rebeliao-de-stonewall/>. Acesso em: 10 maio 2022.

LIMA, Venício. **Da cultura do silêncio ao direito à comunicação**. Observatório da Imprensa [Internet]. 2011 [citado em 2019 jun. 25]: ed.669, p. 15. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitosdesfeitas/da-cultura-do-silencio-ao-direito-a-comunicacao/>. Acesso em: 18 maio 2022.

MACRAE, Edward John Baptista das Neves. **A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”**. Salvador: EDUFBA; 2018.

MENEZES, Moises, autor; OLIVEIRA, Antônio; NASCIMENTO Ana Paula. co-autores. **LGBT e mercado de trabalho: uma trajetória de preconceitos e discriminações**. Pesquisa apresentada na Conferência Internacional de Estudos Queer, Aracaju, 11 a 13 de abril de 2018.

MILLER, Victor. **Porque substituímos a sigla “GLS” por “LGBTQIA+”**. Scruff Gayblog, Gay Blog Brasil, São Paulo, 29 de maio de 2020. Disponível em: <https://gay.blog.br/gay/por-que-substituimos-a-sigla-gls-por-lgbtqia/>. Acesso em: 12 maio 2022.

MOVIMENTO LGBT: **o que é, história e muito mais**. Stoodi, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/atualidades/movimento-lgbt-o-que-e/>. Acesso em: 10 maio 2022.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2009.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário, História, Identidade, Tecnologia**. Lisboa, Portugal: Edições Cosmos, 1999.

PUCINNI, Sérgio. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mídias do Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de doutor em Mídias, Campinas, 2007.

REDAÇÃO DA BBC NEWS BRASIL. **Dia do orgulho LGBTQIA+**: o que foi a revolta de Stonewall que deu origem à comemoração. Entrevista do professor de direito da USP, Renan Quinalha, concedida à BBC News Brasil, São Paulo, 1 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48432563>. Acesso em: 18 maio 2022.

ROCHA, Patrício. **Voz e Representação do Real**: Montagem e Construção da Narrativa no Documentário Brasileiro Contemporâneo. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

RODRIGUES, Humberto. LIMA, Cláudia. **Quando ninguém era gay**: uma história da homossexualidade. Aventuras na História, São Paulo, 27 de junho de 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-da-homossexualidade.phtml>. Acesso em: 10 maio 2022.

ROSENTHAL, Alan. **Writing, directing, and producing documentary films and videos. Carbondale**: Southern Illinois University Press, 1996, SANTOS E ADVOGADOS. 5 direitos lgbt que você te e não sabia. Blog Santos Advogados Associados, São Paulo, 4 de abril de 2019. Disponível em: <https://blog.santosadvogadosassociados.com/direitos-lgbt/>. Acesso em: 20 maio 2022.

SOUSA, Rainer. **História da homossexualidade**. História do Mundo, Goiânia, 2022. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/historiahomossexualidade.htm>. Acesso em: 10 maio 2022.

SWAIN, Dwight. **Film script writing, a practical manual**. New York: Hastings House Publishers, 1976.

TULCHIN, Allan. **Same-Sex Couples Creating Households in Old Regime France**: The Journal of Modern History. Publicado por The University Of Chicago Press, vol. 79, no. 3, Chicago, setembro de 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/517983> acesso em: 10 maio 2022.

WAINER, Julio. **Ideia, imagens e sons**: caminhos para a estruturação de um documentário. Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em comunicação, São Paulo, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE I
ROTEIRO

Imagem	Áudio
Cena 1- Texto abertura com nome do filme em fundo preto: “O outro lado do Arco-íris” 00:00 até 00:09	Música instrumental e digitação
Cena 2- Texto com fundo preto: “Relatos de uma vida não tão colorida” 00:10 até 00:19	Liz: Naquela hora eu senti que eu era uma pessoa suja, que eu era um peso, que eu era um fardo, sem nem eu mesma entender quem eu era... [Música instrumental e digitação]
Cena 3- Leonardo Dutra 00:20 até 00: 23	Meu nome é Leonardo, eu tenho 24 anos... [Música instrumental]
Cena 4- Liz Faria 00:24 até 00:25	Meu nome é Liz, eu tenho 21 anos de idade... [Música instrumental]
Cena 5- Nicolly Palladino 00:26 até 00:29	Oi, meu nome é Nicolly, eu tenho 22 anos... [Música instrumental]
Cena 6- Texto com fundo preto: “Quando o mundo é todo colorido” 00:31 até 00:37	Música instrumental e digitação
Cena 7- Nicolly Palladino com fotos de acervo pessoal 00:38 até 00:55	Mora eu, meu pai, minha irmã desde sempre, desde quando a gente se mudou para cá ficou só nos quatro, aí a nossa relação era muito boa né, porque só tinha a gente... Minha relação com a minha irmã sempre foi muito boa, nossa diferença de idade é de três anos, então a gente brincava junto... [Música instrumental]
Cena 8- Leonardo Dutra com fotos de acervo pessoal 00:56 até 01:07	Assim, eu sempre fui aquela criança de roça mesmo. De brincar descalço na terra, subir em árvore... [Música instrumental]
Cena 9- Liz Dutra com fotos de acervo pessoal 01:08 até	Foi uma infância muito boa em quesitos de aproveitar, fui uma criança que brincava demais, sempre sozinha... Mas eu brincava muito, aproveitei muito a minha infância, brinquei bastante, fui uma criança muito feliz

	<p>nesses aspectos... Porém como uma criança que tinha suas necessidades, que era uma criança diferente das outras...</p> <p>[Música instrumental]</p>
<p>Cena 10- Texto com fundo preto: “Quando as cores começam a perder a graça”</p> <p>01:32 até 01:39</p>	<p>Música instrumental e digitação</p>
<p>Cena 11- Nicolly Palladino</p> <p>01:40 até 02:33</p>	<p>Geralmente assim, quando eu comecei a jogar bola assim com os meninos é... e eu também não, não... Minha mãe sempre foi muito da igreja então eu nunca tinha beijado nenhum menino nem nada... E aí, ah... As crianças brincam, né? Ficava falando que eu era sapatão, que não sei o que... Mas ah, eu não, não, nem sabia tipo... Eu não tinha ninguém no meu ciclo de amigo, tipo assim, de convívio assim mesmo, não tinha nenhuma lésbica, nenhum gay, então pra mim eu ficava tipo assim por que que vocês estão falando isso? E aí depois também no ensino fundamental mesmo assim lá pro oitavo, nono ano assim, eu fui vendo que eu não gostava das mesmas coisas assim que parecia que pra mim todas as meninas gostavam tipo: ah de maquiagem, de usar, nossa, de usar roupa mais justa, saia, essas coisas... Para mim era muito desconfortável, eu não gostava.</p>
<p>Cena 12- Leonardo Dutra</p> <p>02:33 até 03:01</p>	<p>Eu... para perceber realmente, definir o que eu era, eu fui entender lá no meio da minha adolescência quando eu tinha uns quinze, dezesseis anos que foi quando começou a aflorar esse em mim... E eu ver o mundo com um olhar diferente, e sentir atração por meninos. E isso me deixou muito confuso.</p>
<p>Cena 13- Liz Dutra</p> <p>03:02 até 03:31</p>	<p>Não faço ideia como eu consegui guardar a pessoa que eu sou por tanto tempo, sabe? Eu obviamente as vezes eu não conseguia, eu tinha que expressar essa minha feminilidade de alguma forma. Então eu expressava isso nos desenhos, eu expressava as vezes escondida no banheiro. Eu me vestia as vezes de forma que eu achava feminina, sabe? Mas tudo muito sabe discretamente, tudo muito devagar, porque eu sabia que isso ia causar muito conflito para mim.</p>

Cena 14- Nicolly Palladino 03:34 até 03:39	Eu usava umas roupas assim que era só pro povo achar que eu estava mais feminina mesmo, sabe? Nossa, mas eu me sentia horrível.
Cena 15- Leonardo Dutra 03:40 até 04:09	E nisso começou as piadas, sabe? Mas é... Eles contaram pra outras pessoas e nisso eu apanhava na escola, as vezes eu chegava com com marca roxa no pescoço de receber em enforcão na escola, é... tapa na tapa na cara, mas assim... E minha mãe nunca soube. Eu fui contar para ela tudo que eu passei na escola depois velho.
Cena 16- Liz Dutra 04:10 até 04:36	Porque eu era muito zuada, e eu não entendia o porquê dessa zoação toda. Teve um episódio que os meninos pegaram a minha mochila e tacaram no banheiro feminino e falaram assim se você é menininha você pode entrar nesse banheiro. E aquilo pra uma criança é uma coisa muito pesada de ouvir, porque a gente não sabe quem que a gente é. Então..., mas eu sabia que isso era mau porque eu ficava magoada, chorava. Então eu sabia que isso que eles estavam fazendo comigo era algo ruim.
Cena 17- Nicolly Palladino 04:37 até 05:08	Aí foi tudo piorando mesmo. Minha mãe ficou muito tempo sem falar comigo. A gente morando na mesma casa. Ela não... Eu já trabalhava com meu pai, não tinha tempo de fazer algumas coisas e ela que fazia mais as "função" da casa né? Porque ela não estava trabalhando na época, e eu, o meu pai e minha irmã já estava trabalhando. E aí ela lavava a roupa de todo mundo e não lavava a minha... E aí eu fui aprendendo a fazer essas "funções" sozinha porque ela foi mesmo que me deixando de lado. E, é aquilo nossa, me deixou muito, muito desolada assim, péssima. Eu também era uma criança não sabia lidar direito com as coisas.
Cena 18- Liz Dutra 05:09 até 06:21	Primeiro eu comecei me assumindo homossexual para a minha família. E isso foi assim, três anos muito complicados, de não aceitação assim, definitiva, não aceitavam de forma alguma, era um clima muito ruim na casa porque era sempre muita briga muito "chororô" porque eles não aceitavam de forma alguma quando eu me assumi homossexual. Então eu pensei: gente quando eu descobri o significado de transexualidade, quando eu descobri quem eu era, nossa eu falei minha vida vai destruir, minha vida acabou, sabe? Se

	<p>foi difícil desse jeito para me assumir homossexual imagina eu assumir que eu sou uma mulher. Que inferno que vai ser minha vida. E isso é muita coisa na cabeça de uma pessoa pré-adolescente, eu tinha o que? Treze anos. Muita coisa pra pensar e... isso surgiu muitos traumas na minha vida. Eu não me permito por exemplo, as vezes entrar em um relacionamento, eu não me permito as vezes entrar em um amor, em um romance porque eu acho que não vou ser aceita, eu acho que eu vou ser um constrangimento. Porque eu sempre fui eu mesma atrás de uma porta trancada.</p>
<p>Cena 19- Patrini Raimundo 06:22 até 06:39</p>	<p>A gente sempre fala, e a sociedade fala que família é a base, né? Que família é o porto seguro. E muitas vezes é dentro desse porto seguro que está o problema. E se a pessoa não se sente acolhida dentro de casa, tem que buscar esse acolhimento na rua, e não é fácil.</p>
<p>Cena 20- Nicolly Palladino 06:40 até 07:42</p>	<p>E aí foi quando ela me colocou, logo com quatorze anos quando ela descobriu isso, ela me colocou numa terapia de uma psicóloga que ela conhecia da igreja. E aí eu falei, aí eu ia né porque eu também não entendia muita coisa e eu acabei que comecei a ir nessa psicóloga e ela foi... ah... e acabou que ela foi muito homofóbica e também... péssima... porque... é... No começo ela começou a usar coisas da Bíblia que quando eu tinha quatorze anos eu não sabia que não podia, né? Senão eu ia falar assim: eu vou te processar. Mas naquela época eu ainda não sabia, né? Então eu fiquei tipo ah, as mesmas coisas que minha mãe me fala, né? Tudo bem. Só que aí depois ela começou a pedir pra... se eu tinha amigos homens que eu devia experimentar beijar eles e depois, ou tentar ter alguma coisa a mais. E isso eu com quatorze anos e depois ela começou a me aconselhar a ver vídeo pornográfico e aquilo para mim foi um choque porque como eu falei que sempre fui, minha mãe sempre foi muito da igreja a gente nunca teve muito contato com essas coisas e eu nunca tinha visto nada disso, então para mim eu fiquei muito chocada.</p>
<p>Cena 21- Liz Dutra 07:43 até 08:19</p>	<p>Eu passei por muitas psicólogas que traumatizam a gente mais ainda. Então eu já tive que ouvir de psicóloga que eu teria que fingir ser outra pessoa enquanto eu estivesse debaixo do teto dos meus pais. Eu já ouvi de muita psicóloga que por eu estar, por eles</p>

	<p>pagarem coisas pra mim eu tinha que ser do jeito que eles queriam. Das primeiras psicólogas eu tive que ouvir isso. Foi triste isso demais porque, eu pensei de fato gente então é errado eu ser eu mesma, porque se uma psicóloga está falando isso então é porque é errado, eu tenho que mudar de alguma forma. Aí eu comecei a me podar mais ainda.</p>
<p>Cena 22- Patrini Raimundo 08:20 até 09:21</p>	<p>É um atendimento clínico sem julgamento, sem um direcionamento moral, sem direcionamento religioso né? Não raro as vezes, as pessoas chegam até nós tendo passado por outros tipos de terapia, de profissionais que não conduziram dessa maneira. Que é a maneira, não que nós criamos, mas que o nosso conselho tanto federal quanto os conselhos regionais nos delimitam que é assim que deve ser a nossa prática. Porém, nem tudo funciona como deveria ser. Infelizmente o nosso país, ele lidera né, o ranking de violência contra a população lgbt, é um dos países que mais mata a população trans no mundo. E essas pessoas costumam a encontrar espaços onde elas se sentem seguras, né? Então o nome da Rainbow já vem como um escudo para eles de cara de proteção. Sabendo que ali ele vai encontrar profissionais que vão entendê-los que vão acolhê-los.</p>
<p>Cena 23- Nicolly Palladino 09:22 até 09:59</p>	<p>Sempre quando tinha é..., evento de igreja e tinha aqueles palestrantes e tudo mais, eles conseguiam colocar homossexualidade no meio para enfatizar que era pecado, que Deus... Nossa já, já cheguei a escutar da, da boca deles assim que Deus é abominava isso. Deus ama todo mundo, mas ele abomina a homossexualidade. Então quem tem esse sentimento é o nosso sacrifício na terra... E chegou um ponto que eu ficava assim: Deus você existe mesmo só me tira daqui porque eu não consigo viver dessa maneira entendeu? Porque era muito difícil para mim mesmo, porque eu não sentia muito errada muito suja.</p>
<p>Cena 24- Leonardo Dutra 10:00 até 11:06</p>	<p>Mas é... sempre tinha aquele culto que eles gostavam de pregar sobre como eu era errado. Não, não eu especificamente, mas como era errado ser eu. Sempre tinha aquele comentário que o outro falava aí porque fulano ali ele era gay. Era gay, como se existisse né o ex gay. Eu comecei a me sentir muito afetado lá dentro. Eu falei poxa, eu tento buscar a salvação que eles tanto dizem, mas eu chego</p>

	<p>aqui eu não consigo sentir isso, o meu pensamento não é o que o meu corpo fazendo. Eu estou vindo aqui, eu estou orando, eu estou pedindo a Deus pelo amor de Deus para tirar isso de mim porque eu achava que era errado, mas nunca tirou.</p>
<p>Cena 25- Patrini Raimundo 11:07 até 11:39</p>	<p>Acho que as situações de preconceito, aceitação familiar, aceitação no ambiente de trabalho, acho que essas são as principais. E depois os fenômenos que a gente observa no consultório, que é ansiedade, depressão... Mas que a gente precisa entender que o fato de fazer parte da comunidade, de passar por essas situações agrava ainda mais esses fenômenos de saúde mental, de ansiedade, depressão, fobias...</p>
<p>Cena 26- Texto com fundo preto: “Quando o mundo vira escuridão” 11:40 até 11:44</p>	<p>Digitação</p>
<p>Cena 27- Álvaro Matos 11:45 até 12:47</p>	<p>Só que tem a lei antirracismo, certo? Aprovada, que já passou e já está em vigor. E essa lei ela fala em discriminação por raça e cor. Como a lei ela não tem palavras à eximio, se ela por raça e por cor, a discriminação por cor é aquela discriminação étnica, certo? A discriminação por raça ela foi entendida pelo STF como qualquer discriminação de um grupo social majoritário sobre um grupo social que é visto como marginalizado, ou de minoria. E por isso, o grupo lgbt é visto como um grupo de minoria por conta de uma norma estabelecida heterocisgênera. Então, os crimes previstos na lei antirracismo, são aplicáveis a todo tipo de violência praticada contra a comunidade lgbt.</p>
<p>Cena 28- Texto com fundo preto: “A família da Nicolly a colocou em um convento” 12:48 até 12:51</p>	<p>Digitação</p>
<p>Cena 29- Nicolly Palladino 12:52 até 14:47</p>	<p>No início foi até foi até mais boa, conheci as meninas que também estavam fazendo experiência. As freiras que moravam lá também eram tranquilas. Mas tipo assim, quando você está num lugar, né?!E que você não quer estar ali, por mais que você vai assim, tranquilo e tals, eu acho que seu corpo sente né, e aí foi acontecendo deu ir ficando muito ruim, porque não era um ambiente que eu podia ser eu mesmo sabe? Eu tinha que, as roupas que eu usava não era as roupas que eu</p>

	<p>queria, aí tipo assim fazer as coisas que eu não queria né, e tipo assim, longe de toda a sociedade, afastada de tudo, você não tem celular, tem nada nada, só fica em função daquilo, aí começou a aparecer umas feridas no meu corpo e eu não sabia o porquê, e eu fui em um médico lá, era em São Paulo, aí eu fui em um médico lá, e aí eu tava com herpes zoster, que é uma doença real, que quando seu emocional está abalado, começa a tipo abrir feridas no seu corpo porque você não está conseguindo lidar psicologicamente e aí aparece no seu corpo as feridas, e eu fiquei muito em choque , e aí depois disso foi tudo piorando, porque aí além das feridas eu fiquei com muita dor nas costas, eu fiquei até acamado por uns dois meses, um pouquinho mais de dois meses, aí comecei a tomar injeção de corticoide, fiz ressonância na coluna e não tinha nada, ai em Setembro foi quando minha família foi me visitar a primeira vez, e também não podia ter essa gastação com visita, e ai foi quando eu fiquei um pouco pior, porque aí eles foram me visitar e eles viram real que eu não estava bem, qualquer pessoa que me vise, eu estava muito inchada por conta das injeções, e, eu não tava bem né, tinha as feridas e tudo mais e eles só foram me visitar, passaram o final de semana e voltaram, e tipo, não falaram nada, tipo, Você quer estar aqui? Você quer ir embora daqui? não, não falaram nada disso, e isso me deixou muito mal.</p>
<p>Cena 30- Leonardo Dutra 14:48 até 16:09</p>	<p>E nisso meu pai, ele veio correndo até mim, me enforcou e e me empurrou contra o muro lá da casa dele, e começou a bater na minha cara, eu fiquei tão sem reação no momento, eu não conseguia chorar, eu não conseguia falar nada, eu só olhava para ele e e queria que aquilo acabasse. Eu eu nem sei como eu reagi. Aí depois disso, que ele me soltou eu saí lá mas meu primo, e nisso meu pai ficou soltando alguns insultos, falando sobre o meu jeito de vestir, sobre o que era ser homem de verdade. Eu ainda encarrego a cicatriz daquilo, não físicas, mas mentais, e eu tento não me sentir tão afetado por isso mas quando eu comento eu eu bati um um sentimento ruim.</p>
<p>Cena 31 – Liz Dutra 16:10 até 17:09</p>	<p>Eu adorava usar blusinhas justinhas aqui assim, e dobrar as mangas, pAra ficar aquela coisa bem femininazinha assim sabe? Eu botava o botão até aqui, e a minha vó ela tirou todos os botões das minhas blusas aqui da</p>

	<p>gola, tirou todos, para eu não fazer isso de novo, na hora eu liguei para ela porque ela estava em outra cidade com meu avô, na hora eu liguei para ela e falei assim, vó porque a senhora fez isso? Tipo, que horror porque, não são só minhas roupas, aí ela começou a chorar, fez um show lá, porque acho que ela começou a entender quem eu era, aí ela ligou pra minha mãe, pro meu pai, inventou um monte de coisa, aí foi um surto, minha mãe quebrou meu celular, meu pai subiu encima de mim gritando pra virar homem, foi uma situação horrível. Ser uma pessoa trans é sair da porta da sua casa todo dia e ter certeza que você não vai voltar.</p>
<p>Cena 32 - Álvaro Matos 17:10 até 17:48</p>	<p>A pessoa chegar a violentar alguém por simplesmente ela ser quem é, e por ela estar vivendo da forma que ela é, assusta é machuca muito, principalmente a pessoa que convive com isso todo dia, eu como homem gay, assusto muito com esse tipo de situação, e me dá medo e também me dá indignação com esse tipo de situação.</p>
<p>Cena 33 - Patrini Raimundo 17:49 até 17:59</p>	<p>Enquanto a gente não entender que preconceito, ele produz um fenômeno social de doença, a gente não vai conseguir combater.</p>
<p>Cena 34 – Texto com fundo preto: “A cada 29 horas uma pessoa LGBTQIA+ é assassinada no Brasil” 18:00 até 18:06</p>	<p>Digitação</p>
<p>Cena 35 – Texto com fundo preto “Em 2021 foi notificado que 300 pessoas LGBTQIA+ morreram de forma violenta, 276 foram assassinadas e 24 cometeram suicídio” 18:07 até 18:19</p>	<p>Digitação</p>
<p>Cena 36 - Nicolly Palladino 18:20 até 19:17</p>	<p>Eu acho que eu definiria assim, como um desgaste muito grande que eu passei, e que eu não precisaria ter passado, acho que se fosse como um mundo paralelo e essas coisas não tivesse existido, teria sido bem mais fácil, tem umas coisas que eu não precisaria ter passado eu acho, foi um desgaste muito grande, foi uma lacuna muito grande, muito difícil o meu percurso, eu acho que assim, foi como eu falei, minha relação com a minha família era muito boa, e ter essa reviravolta, de uma coisa que tá muito boa pra uma coisa que não existia mais. É muito difícil lidar com isso criança, foi um desgaste muito grande que eu tive que passar</p>

	<p>muito cedo, uma coisa que eu nem sabia, eu acho que a questão da homofobia é muito difícil para mim, desgastou muito.</p>
<p>Cena 37 – Liz Dutra 19:18 até 19:47</p>	<p>A palavra que eu definiria para toda essa transfobia que eu passei seria pânico, pânico e também outra, que é superação, porque eu acho que com tanta transfobia, tanto julgamento, com tanto tapa na cara, com tanta não aceitação, com tanta humilhação, você é obrigada ou obrigado a se tornar maduro sabe, uma pessoa madura.</p>
<p>Cena 38 - Patrini Raimundo 19:48 até 20:00</p>	<p>Uma palavra seria revolta, acho que, impotência também, em muitos momentos, porque esse nosso trabalho nada mais é que um trabalho de resistência também.</p>
<p>Cena 39 – Texto com fundo preto “É possível voltar a enxergar um mundo colorido” 20:01 até 20:07</p>	<p>Digitação</p>
<p>Cena 40 - Patrini Raimundo 20:08 até 20:37</p>	<p>Existe uma política nacional do SUS, voltada para a população da sigla LGBT, que ela vem para fornecer subsídios para os profissionais de saúde pelo SUS né, para atender a população, eles desmistificam muitas coisas então, dá um aporte teórico para essa questão de nome social, compondo essas situações de violência, porém o atendimento público hoje no nosso país, ele é extremamente deficitário.</p>
<p>Cena 41 - Álvaro Matos 20:38 até 21:25</p>	<p>Eu acho que a gente precisa de um trabalho de educação e inclusão de matérias específicas da questão muito ampla, não só nas bases do ensino médio mas também das bases profissionalizantes principalmente, para que os profissionais saiam capacitados para trabalhar com todas as populações, população LGBT, com a população toda, e trabalhar isso tudo amplamente, certo?! Para não sofrer esse tipo de violência que vem sofrendo, em todas as áreas, na saúde, no direito e as vezes até na área social.</p>
<p>Cena 42 - Nicolly Palladino 21:26 até 22:25</p>	<p>Eu só diria pra mim mesmo que uma hora ia passar, que eu ia aguentar tudo, porque teve muitos momentos que eu achei que eu não ia, eu iria falar pra mim mesmo que eu ia aguentar passar por tudo e tudo ia passar mesmo e uma hora ia ser bom, uma hora eu iria gostar de mim mesmo, eu ia ter amigas, que iria chegar um momento que eu ia tá de boa com a minha família, que eu ia ter uma</p>

	<p>namorada, que eu ia poder assumir uma namorada, que eu ia pode fazer compras e comprar uma roupa que eu gostasse e falasse assim “e aí mãe gostou dessa” “ah essa ficou boa”, e roupas que eu real gostei, primeira vez que minha mãe foi comigo em uma loja e eu peguei uma camiseta masculina, provei, e ela falou gostei dessa aí, foi a melhor coisa que tinha acontecido na minha vida, e isso eu já tinha 19 anos, e eu fiquei tipo, e é tão pequeno, tão simples, mas pra mim eu fiquei caralho, minha mãe me ajudou a comprar essa camiseta, então tipo assim, eu iria falar que ia passar e uma hora eu ia gostar real de mim mesmo.</p>
<p>Cena 43 – Leonardo Dutra 22:26 até 22:58</p>	<p>Eu falaria para mim mesmo não preocupar, que ia ter momentos muito ruim que ele iria pensar em desistir, mas que ia passar, uma hora passa, e que ia dar certo no final, ele iria conseguir, mas que ele só precisava de não desistir, ia dar certo.</p>
<p>Cena 44 – Liz Dutra 22:59 até 23:50</p>	<p>O que eu mas enfatizaria em uma conversa com a Liz criança, é que não tem nada de errado com ela, porque a Liz criança achava que ela era uma pessoa errada, que ela não tinha que ter nascido, então eu falaria pra ela que ela é uma criança linda, eu falaria pra qualquer criança trans do mundo, principalmente pra mim lógico, porque só eu sei o que eu sofri, mas eu acho que eu falaria pra qualquer criança trans do mundo que não sabe o que está acontecendo na cabecinha dela, que vai ficar tudo bem, que uma hora ela vai pode ser quem ela é, eu falaria isso pra Liz criança, olha onde a gente chegou, sabe, olha onde a gente tá, hoje em dia você tá com o cabelo gigante, e o sonho da Liz criança era ter um cabelão de princesa, e hoje em dia eu tenho meu cabelo gigante, e falaria pra ela que tudo que ela quer vai se realizar.</p>
<p>Cena 45 – Texto com fundo preto “Homofobia é crime, denuncie, disque 100” 23:51 até 24:00</p>	<p>Digitação</p>
<p>Cena 46 – créditos finais 24:00 até 24:48</p>	<p>Música instrumental</p>

APÊNDICE III

AUTORIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO

Os alunos João Lucas Ferreira Dos Santos e Yasmin Freitas Oliveira, concluintes do curso de Jornalismo da Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2022, autorizam a Universidade a reproduzir a obra feita para o trabalho de conclusão de curso.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O estudante João Lucas Ferreira Dos Santos do curso de Jornalismo, matrícula 2019.1.0127.0015-0, telefone: (64) 981384228 e-mail: joaolucasferreira7@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em

consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O Outro Lado Do Arco-íris”, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 24 de novembro de 2022.

Assinatura do autor:

João Lucas Ferreira Dos Santos

Nome completo do autor: João Lucas Ferreira Dos Santos

Assinatura do professor-orientador:

Elisani de F. G. Araújo



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62) 3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

**Termo de autorização de publicação de
produção acadêmica**

A estudante Yasmin Freitas Oliveira, do curso de Jornalismo, matrícula 2019.10127.0049-4, telefone: (34) 99840-0593, e-mail: yasminfreitasoliveira@hotmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O Outro Lado do Arco-Íris”, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 24 de novembro de 2022.

Assinatura do autor:



Nome completo do autor: Yasmin Freitas Oliveira

Assinatura do professor-orientador:

